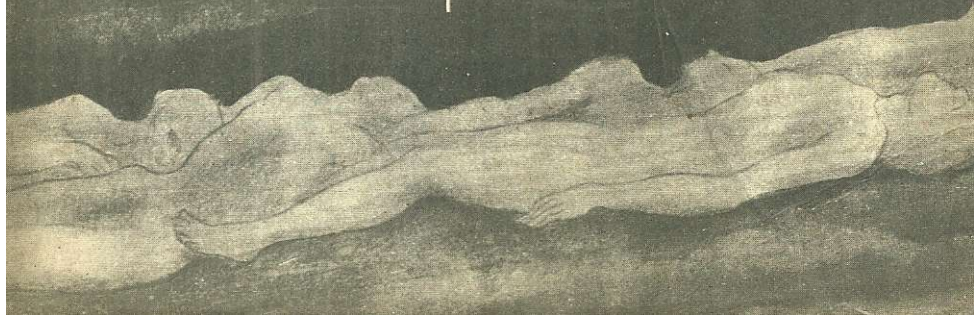




AREIA E ESPUMA

GIBRAN
KHALIL
GIBRAN

Tradução
e Apresentação
de
MANSOUR CHALLITA





GIBRAN KHALIL GIBRAN

AREIA E ESPUMA

COM UM ESTUDO DE MANSOUR CHALLITA
SOBRE A VIDA, OBRA E MENSAGEM DE GIBRAN



Associação Cultural
Internacional Gibran

LUTAS E TRIUNFO DE GIBRAN

Mansour Challita



Becharre, a cidade natal de Gibran no Libano

TODA grande vida é uma conquista. E em toda grande vida, há lutas e sofrimentos procurados e aceitos com vista a um triunfo determinado, enquanto as vidas comuns conhecem apenas as lutas e os sofrimentos impostos pelas circunstâncias.

Gibran escreveu, em 1908, a Amine Ghoraieb: “Há em nossas vidas algo mais nobre do que a celebridade: são as ações elevadas que constituem o fundamento da celebridade. Sinto nas profundidades do meu ser um poder que deseja encobrir sua nudez com uma bela roupagem de ações elevadas.”

Em *As Tempestades*, escreverá: “Se tivesse de escolher entre a alegria e a tristeza, não trocaria as tristezas do meu coração pelas alegrias do mundo inteiro.”

De maneira mais categórica, declarava em 1910: “Gosto que haja dificuldades em minha vida. Pois quero e espero superá-las. Sem obstáculos, não haveria nem esforço, nem luta. E a vida seria insípida.”

Gibran desejou, pois, a luta e aceitou suas exigências. E essa luta persistiu em toda sua vida.

Qual o propósito dessa luta? O engrandecimento e a elevação do homem. E a sua libertação.

Na primeira fase de sua vida e de sua obra, o homem que Gibran queria elevar e libertar era o homem de um determinado país e



de uma determinada classe social. Era o homem do povo do Líbano e de outros países orientais, oprimido pelo clero e pelos senhores feudais, e em quem Gibran desejava insuflar bastante orgulho e audácia para torná-lo capaz de se erguer contra seus opressores. *Visava a libertar o homem do homem. E essa libertação deveria ser feita pela revolução.*

Na segunda fase, o objetivo mesmo da luta se eleva. O homem que Gibran procura então engrandecer e libertar é tanto o ocidental quanto o oriental, tanto o opressor quanto o oprimido; e quer libertá-los, não mais uns dos outros e, sim, das limitações mais perniciosas impostas a todos eles pelas *enfermidades e cegueiras inerentes à sua condição humana. E essa libertação deveria ser feita pela sabedoria.*



No decorrer de uma e de outra fase, a luta de Gibran desenvolveu-se paralelamente na sua vida e na sua obra. Esforça-se por implantar em sua vida os ideais que prega em sua obra, e glorifica em sua obra as virtudes que procura realizar na sua vida.

Todos seus heróis são a sua própria personificação: desde Khalil o Ateu, até João o Louco, até O Profeta, até o próprio Jesus. Através das peripécias da sua vida, todos lutam e sofrem, como ele próprio, para fazer triunfar um ideal.

Poucos escritores têm-se identificado a tal ponto com seus heróis. Poucos pensadores têm realizado igual unidade entre sua vida e sua obra.

E o mais notável é que Gibran não somente desejou essa luta. Estava convencido de ter sido enviado a este mundo para desempenhar uma missão. E essa convicção deu à sua obra um calor messiânico que muito contribuiu para dotá-la da sedução que a caracteriza.

"AMO AS TEMPESTADES"

GIBRAN nasceu na pequena cidade libanesa de Becharre, a 6 de dezembro de 1883.

Seu pai era fiscal de rebanhos. Desde tenra idade, Gibran o acompanhava nas suas peregrinações através de prados e colinas e ia povoando a imaginação com cenas da natureza que, mais tarde, transformaria em alegorias e parábolas, como Jesus havia transformado em parábolas, no Evangelho, as cenas bucólicas da Galiléia.

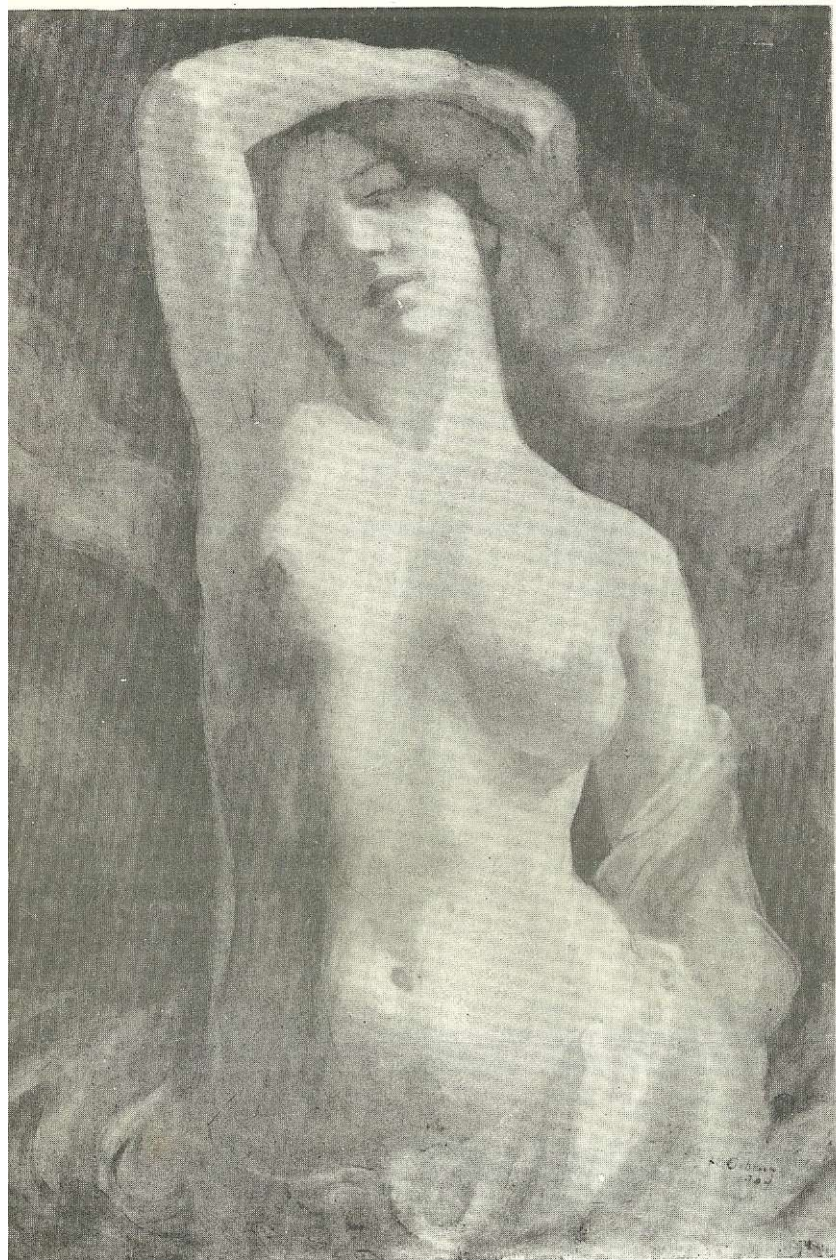
Desde cedo, Gibran manifestou o temperamento que o caracterizaria na vida. Uma vez, num acesso precoce de anticlericalismo, caricaturou o padre-professor sob os traços de um asno adormecido, a cabeça coberta por um solidéu.

Tinha oito anos quando, um dia, um vendaval passa por sua cidade. Gibran observa, fascinado, a natureza em fúria e, estando sua mãe ocupada, abre a porta e sai a correr com os ventos. Quando a mãe, apavorada, o alcança e repreende, ele responde com todo o ardor das suas paixões nascentes: "Mas, mamãe, eu gosto das tempestades. Gosto delas! Gosto!"

Gostará delas toda a sua vida, mais ainda no sentido social do que cosmológico. Sua obra-prima árabe intitular-se-á, justamente, *Al-Auassef* (*As Tempestades*).



Gibran aos 15 anos



Micheline, o grande amor de Gibran

Sua sensibilidade artística e sua devoção por Jesus manifestam-se também cedo.

Passava horas a desenhar. Mas, assim que seus desenhos estavam prontos, destruía-os, pois “êles não se assemelham nunca aos que vejo quando meus olhos estão fechados”, explicava.

Uma certa Sexta-Feira Santa, desapareceu misteriosamente. Procuraram-no em toda parte e acabaram encontrando-o no meio da floresta, a roupa rasgada, carregando uma brança de flores silvestres. Explicou à mãe em lágrimas que havia recolhido essas flores nas vertentes escarpadas em lembrança dos sofrimentos de Cristo.

E já amava a natureza. Amava-a à maneira romântica. Amava os riachos e as cascatas, a flauta do pastor ao crepúsculo, as folhas que tombam no outono.

Em casa, a vida não era idílica. O pai, um boêmio de olhos azuis, de companhia alegre, mas de ambições limitadas, ganhava pouco e bebia muito. A mãe, Camila, morena, ativa, ágil, sonhava com outra vida para seus filhos.

Entre a mulher e o marido, as discussões eram frequentes.

“Não receias os carrapatos para esta criança?” recriminava certa vez a mulher contra o marido que queria levar Gibran com ele a selvas distantes. “Quero antes mostrar-lhe que as mordeduras dos carrapatos são menos venenosas do que as mordeduras da língua da sua mãe,” retrucou o marido.

Em 1894, Gibran, sua mãe, suas duas irmãs, Sultane e Mariana, e seu irmão Butros emigram para os Estados Unidos e estabelecem-se em Boston. O pai permanece em Becharre:



A mãe de Gibran

Quatro anos mais tarde, Gibran volta ao Líbano, a fim de completar os estudos do árabe, e se matricula no Colégio da Sabedoria em Beirute. Ao superior que procura acalmar sua ambição impaciente, explicando-lhe que uma escada deve ser galgada degrau por degrau, Gibran retruca: "Mas as águias não precisam de escadas!"

No colégio, deixava o cabelo crescer até os ombros; e quando a administração se opôs a essa moda, ameaçou abandonar o colégio. Deixaram-lhe sua cabeleira!

Percorria as montanhas, como outrora, em companhia do pai. Gostava de ler a Bíblia e de contemplar a vida dos campos e das florestas.

Mas descobre, também, o drama doloroso do povo espoliado pelo clero e pelos latifundiários, à sombra de instituições e abusos semelhantes aos da Europa, antes da Revolução Francesa.

Acumularia, então, na alma, uma raiva surda contra os opressores; e seus primeiros escritos serão uma tentativa para provocar a revolta das massas contra eles, como haviam feito os Enciclopedistas franceses. E o coração interveio para exasperar a revolta. Gibran conheceu e amou com a exaltação de toda primeira paixão uma bela e simples camponesa, Hala Daher, e propôs-lhe casamento. Mas o tio da jovem era bispo, e não permitiu à sobrinha desposar um anticlerical, aumentando assim a ira de Gibran contra o clero.

Gibran não conheceu outro amor igual e nunca se casou. O mesmo aconteceu com Hala Daher. Quando, trinta anos mais tarde, devolveram ao Líbano o corpo inanimado de Gibran, uma mulher vestida de preto rompeu

a multidão, aproximou-se do caixão e depositou um beijo nos lábios gelados, retirando-se em seguida. Era Hala Daher. Morreria anos depois em Becharre, velha, solitária e cega.

Em 1901, Gibran voltou a Boston e teve a infelicidade de perder, no espaço de um ano e meio, o irmão, a mãe e a irmã Sultane, vitimados pela tuberculose.

Em 1905, publica sua primeira obra, um pequeno livro árabe de 13 páginas, que tinha por título e por assunto: a música. São considerações poéticas sobre a música, "linguagem da alma e do coração", evocando seu papel e influência em todas as épocas e em todos os povos: na dor e na alegria, na adoração e na dúvida, na pobreza e na opulência, tanto sobre os pastores como sobre os reis.

"Como o amor, o apelo da música é universal. E seus ritmos expressam todas as estações da alma."

O homem não sabe o que diz o pássaro ou o córrego ou as ondas ou a chuva. Mas seu coração percebe misteriosamente o sentido de todas essas vozes, que ora o alegram e ora o entristecem."

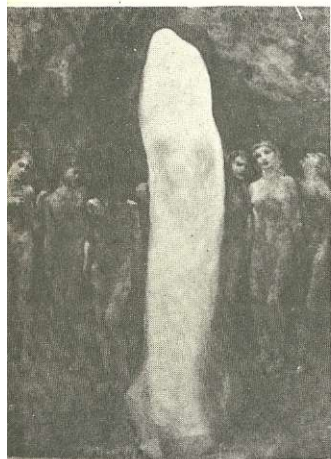
No ano seguinte, publica seu segundo livro, também em árabe: *As Ninfas do Vale*, composto de três novelas que dão vazão, sob o véu da ficção, a seus ódios revolucionários.

João, o Louco, a mais representativa entre elas, é a história de um jovem pastor que, absorto na leitura do Evangelho, distrai-se das suas vacas; e elas penetram no vinhedo do convento São Ezequias e danificam algumas cepas. Os monges apoderam-se das vacas e exigem do pobre João exorbitante indenização.

João esforça-se, em vão, por sublevar o povo. Demonstra como os monges traem Jesus, levando uma vida contrária ao seu ensinamento. Mas o povo permanece submisso e apático. Mesmo o pai e a mãe do rapaz ficam amedrontados com seu ateísmo e tomam o partido dos monges contra ele.

João dirige então a Jesus esta comovente súplica:

“Ó Jesus, que estás sentado no meio da luz celestial, olha para esta terra que ontem visitaste. Olha: os espinheiros sufocam os ramalhetes de flores cujas sementes regaste com o suor de tua fronte; os lobos devoram o cordeiro que carregaste no teu colo... Os que ocupam os tronos em teu nome e pregam, dos púlpitos, tua doutrina são surdos aos gemidos das viúvas e aos apelos dos órfãos e dos indigentes... Ergueram igrejas para glorificar seus próprios nomes e cobriram as paredes de seda e de ouro, enquanto deixavam nus os corpos martirizados de teus eleitos, os pobres... Volta, ó Jesus imortal, e expulsa de teus templos os vendedores de religião... Vem libertar e erguer de novo os humildes dominados e explorados...”



Em 1908, Gibran publica um outro livro do mesmo gênero, sob um título ainda mais eloquente: *As Almas Rebeldes*. A obra contém quatro novelas: *Uardi Al-Hani*, *Os Tumultos Gritam*, *Alcova de Noiva* e *Khalil o Ateu*.

Contra que se rebelam essas almas? Contra as uniões matrimoniais venais; contra a crueldade das leis que justificam o assassinio do homem pelo homem; contra a sujeição da mulher; contra a opressão dos poderosos.

LIBERTAR O HOMEM DO HOMEM

A PRIMEIRA fase da luta de Gibran está toda contida nessas sete histórias. Ao analisá-las, percebem-se ao mesmo tempo a qualidade dos seus sentimentos e a fraqueza e força de suas idéias.

Seus sentimentos são, a toda a evidência, o reflexo de um coração sensível aos sofrimentos humanos e que, como Jesus, que ele toma incessantemente como modelo, se coloca com ardor ao lado dos deserdados e dos humildes.

Mas é evidente também que, a seus sentimentos, como a suas idéias, faltam a maturidade e uma compreensão mais profunda.

Para ele, a humanidade divide-se esquematicamente em duas classes: os pobres e os ricos — os dominados e os dominadores. Os primeiros são todos bons: é preciso apoiá-los; os segundos são todos perversos: é preciso combatê-los.

Sua luta contra o casamento imposto à mulher se transforma em luta contra a própria instituição do casamento.

Sua luta contra os abusos da lei se transforma em luta contra todas as leis.

Prega uma vida humana tão liberta dos liames como a vida dos pássaros.

“Tudo neste mundo, das árvores aos pássaros, vive de acordo com a vocação de sua na-





tureza, e desta vocação recebe a glória da liberdade e da alegria. Somente os homens são privados desta graça porque submeteram suas almas divinas a leis humanas limitadas e encarceraram suas aspirações e enterraram seus corações. E quando alguém se rebela contra essas superstições, chamam-no malvado e decaído e impuro...

Mas permanecerá o homem assim escravizado pelas suas leis viciadas até o fim dos tempos ou libertar-se-á para viver do espírito e para o espírito?" (Uardi Al-Hani).

Entretanto, apesar de suas fraquezas, esses dois livros tiveram uma repercussão extraordinária por todo o Oriente Árabe. As massas oprimidas, levavam a vingança e a esperança. Anunciavam novamente o dia em que os mansos se apropriariam da Terra.

Ao mesmo tempo, os livros impunham-se pela sua beleza literária. Renovavam a literatura árabe, então ressecada e decadente, com o sopro da vida e da Natureza, como os românticos haviam feito na Europa no século XIX. Traziam às elites, cansadas das sonoridades e acrobacias ocas, uma vibração e um colorido que encantavam.

Em 1908, Gibran sai dos Estados Unidos para Paris, onde iria passar dois anos a aperfeiçoar seus dotes artísticos graças ao amparo amigo de uma norte-americana de grande coração, Mary Haskel, que lhe envia todos os meses setenta e cinco dólares, tal uma bolsa de estudos.

Em Paris, Gibran estuda na Académie Julien com uma aplicação de devoto, frequenta os museus, as bibliotecas, as exposições, os teatros. Mede a insignificância do que produziu, em comparação com as grandes obras da humanidade. Mas não se desencoraja. Sente



Mary Haskel

em si um poder capaz de fazê-lo alcançar as alturas. Encontra Rodin, que lhe prediz um grande futuro.

Os setenta e cinco dólares mensais não lhe permitem uma vida folgada. Assim mesmo, sacrifica seu conforto pessoal aos seus gostos aristocráticos. Vive num pequeno apartamento ascético, economiza nas refeições, para poder comprar roupas mais elegantes, viajar em primeira classe e distribuir gorjetas com liberalidade.

3

APAIXONADO, IDEALISTA, SOLITÁRIO



May Ziade

OS TRAÇOS de seu caráter e de sua vida se fixam definitivamente: apaixonado, idealista, ambicioso, solitário, feliz e triunfante em seu trabalho, mas perseguindo uma felicidade sentimental que sempre lhe fugirá — apesar da importância primordial que dá ao amor em sua escala de valores.

No fim de sua estada em Paris, tem a satisfação de ver uma das suas telas escolhida para a Exposição das Belas Artes de 1910.

De volta aos Estados Unidos, transfere-se

de Boston para Nova York, onde suas ambições esperam encontrar um campo mais vasto. Instala-se em Greenwich Village, num pequeno apartamento que lhe serve, ao mesmo tempo, de estúdio e de domicílio. Sobre as paredes, pendem grandes telas, nas quais se destaca Jesus Crucificado. Num canto, um leito estreito de solteiro. O conjunto forma mais uma cela de anacoreta do que uma casa de artista. Seus amigos o apelidam "o eremitério".

É nesse apartamento que Gibran viverá e trabalhará até o fim de sua vida, um homem solitário a quem a felicidade pessoal escapará sempre e que se consola entregando-se inteiramente ao culto da arte e da sabedoria.

Em casa, gostava de vestir um roupão oriental, beber café turco, que ele próprio preparava, e encher o ar com a fumaça de seus cigarros ininterruptos.

Em 1912, publica *As Asas Quebradas*, um romance que relata seu amor infeliz por Hala Daher, chamada no romance Selma Karame.

O livro liga-se à primeira fase de sua vida e luta. É violentamente anticlerical e põe em relevo, mais uma vez, o contraste entre as palavras e o comportamento do clero.

Uma vez mais, também, deplora a crueldade com que a sociedade nega os direitos da paixão e mantém a mulher sob o jugo.

Mais, porém, do que pelas teses, o livro faz época pelo seu romantismo: o culto da mulher amada, o culto da Natureza e o emprego sistemático da imagem e da parábola.

"Selma Karame foi a primeira mulher a despertar meu coração, por seus encantos, e a guiar-me ao paraíso dos sentimentos puros... Foi ela quem me ensinou, por sua beleza, a adorar a beleza."



AS PROMESSAS DA AURORA

EM 1914, Gibran publica uma coleção de poemas em prosa, contos, meditações filosóficas e parábolas, sob o título de *Uma Lágrima e um Sorriso*. O título simboliza a vida de Gibran (e toda vida humana) que caminha entre alegrias e tristezas.

Os temas predominantes são: a beleza do amor purificado, a superioridade da vida do campo sobre a vida das cidades, a procura do sentido profundo das coisas, a ternura para com os fracos e os decaídos, a condenação dos exploradores e dos ricos.

O modo de expressão é quase exclusivamente a imagem. O livro contém parábolas poderosas, que já anunciam o grande Gibran. *A Morte do Rico* é um exemplo típico:

"No silêncio da noite, a Morte desceu do além e entrou na casa do rico e lhe tocou a fronte. E o rico despertou em sobressalto. E quando viu a sombra da Morte, gritou, ao mesmo tempo revoltado e aterrorizado:

"Afasta-te de mim, sombra maldita; afasta-te de mim, ladra! Senão, chamarei meus escravos para que te despedacem."

A Morte aproximou-se mais e retrucou:

"Sou a Morte. Reflete e escolhe tuas palavras."

O rico replicou: "Que queres de mim tão cedo? Que esperas dos poderosos como eu?"



Vai visitar os pequenos. Sai daqui, com tuas unhas cortantes e tua cabeleira enrolada como serpentes. Vai. Não tenho nenhuma vontade de ver tuas asas grotescas e teu corpo disforme."

Mas, depois de um silêncio turbado, retratou-se:

"Não, não, ó Morte benevolente, não me julgues por minhas divagações. O medo faz dizer o que a razão condena. Toma uma porção do meu ouro, ou algumas almas de meus escravos, e poupa-me. Tenho contas com a vida, que ainda não liquidei. Tenho créditos a receber. Tenho, pelas ondas, navios que ainda não alcançaram o porto. Tenho, sob a terra, sementes que ainda não germinaram. Leva o que quiseres dessas riquezas, mas poupa-me. Tenho concubinas belas como a aurora: escolhe entre elas a que desejares. Escuta, ó Morte, tenho um filho único. É a concretização de todas as minhas esperanças. Leva-o, e deixa-me. Leva tudo o que quiseres. Leva tudo. Mas poupa-me."

Então a Morte pôs a mão sobre a boca do escravo da vida e tomou sua verdade e a entregou ao vento..."

(No resto da história, a Morte visita um pobre, que restitui sua alma sem discutir).

Em 1919, Gibran publica, sob forma de livro abundantemente ilustrado com desenhos seus, um longo poema bucólico, *As Proclamações*, que consiste num diálogo entre dois homens: um, criticando a vida das cidades, seus vícios, sofrimentos e crueldades; o outro, exaltando a vida dos campos, singela, pacífica, pura e feliz.

Na realidade, a primeira voz vê somente as aparências da vida e é impressionada pelas suas contradições e imperfeições; a segunda



penetra até o fundo das coisas e lá descobre sua beleza e harmonia. O poema é a manifestação do estado de alma de Gibran, ainda revoltado pelas injustiças e contradições da vida, mas já descobrindo que, além dessas aparências, onde pára o observador superficial, existe uma verdade mais profunda, capaz de explicar e conciliar as contradições.

5

GRANDEZA E MEDIOCRIDADE



EM 1920, apareceu o último livro árabe de Gibran, *As Tempestades*, no qual o revolucionário atinge um paroxismo que será seu melhor remédio. Sua revolta e sua cólera não se limitam mais às injustiças e imperfeições que resultam das instituições sociais: estendem-se à humanidade toda, a todos os homens, às suas leis, às suas tradições, às suas opiniões.

Além disso, essa revolta universal apresenta-se tinta de um desprezo sarcástico, que não condiz com a alma naturalmente compassiva de Gibran, e se explica pela influência que Nietzsche exercia então sobre ele.

Cólera e desprezo exprimem-se em parábolas e artigos poderosos, dignos, pela imaginação, do próprio Nietzsche ou de um Victor Hugo, tais como: *O Cavador de Túmulos, A Escravidão, Nós e Vós, Filhos de Deuses e Netos de Macacos, Os Dentes Cariados, O Furacão, Satanás.*

Dirigindo-se a todos os homens, diz-lhes:

"Vós andastes um só passo para frente desde que saistes das fendas da terra? Ou levantastes vossos olhares para cima desde que os demônios abriram vossos olhos?"

Há 70.000 anos passei por vós, e vi-vos mexendo como vermes nos cantos das grutas. E há 7 minutos, olhei através do vidro de minha janela, e vi-vos andando nas ruas sujas, com os grilhões da escravidão em vossos pés... Vós sois hoje o que éreis ontem, e assim sereis amanhã."

Há no livro, também, o poeta e o pensador, que exprimem, num estilo cada vez mais belo, as inquietudes de seu coração e os frutos de suas meditações.

Seu estilo acusa um aperfeiçoamento constante na arte de criar e de utilizar a imagem sob todas as suas formas: desde a metáfora de uma linha até a parábola de uma página.

"Muitos falam como os mares, mais vivem como os pântanos. E muitos erguem a cabeça acima das montanhas, mas suas almas jazem na noite das cavernas."

Para glorificar a ambição que eleva às alturas, mesmo que deva acabar por destruir seu herói, Gibran escolhe as violetas e as rosas, e cria a saborosa parábola seguinte:

"Havia num bosque isolado uma bonita violeta que vivia satisfeita com suas compa-



nheiras. Certa manhã, ergueu a cabeça, e viu uma rosa que se balançava acima dela, radiante e orgulhosa.

Gemeu a violeta, dizendo: "Pouca sorte tenho eu entre as flores! Humilde é meu destino! Vivo colada à terra, e não posso erguer a face para o sol, como fazem as rosas..."

A Natureza ouviu, e disse: "Que te aconteceu, filhinha? As vãs ambições apoderaram-se de ti?"

"Suplico-te, ó Mãe Poderosa, disse a violeta, transforma-me numa rosa, por um dia só que seja."

"Não sabes o que estás pedindo, respondeu a Natureza. Ignoras o que se esconde de infórtunios atrás das aparentes grandezas."

"Transforma-me em rosa, insistiu a violeta, e aceitarei todas as consequências de minhas aspirações e desejos."

A Natureza estendeu sua mão mágica, e a violeta tornou-se uma rosa suntuosa. Na tarde daquele mesmo dia, o céu escureceu, e o vento e a chuva devastaram o bosque. As árvores e as roseiras foram abatidas. Só as humildes violetas escaparam ao massacre. E uma delas, olhando à sua volta, gritou às companheiras: "Olhem e vejam o que a tempestade fez das grandes plantas que se elevam com orgulho e impertinência!"

Disse uma outra: "Vivemos coladas à terra, mas escapamos à fúria dos furacões."

Uma terceira disse: "Somos pequenas e humildes; mas as tempestades nada podem contra nós."

A Rainha das violetas viu também a rosa que tinha sido violeta, estendida por terra

como morta. E disse: "Vejam e meditem, minhas filhas, sobre o destino da violeta que as ambições embriagaram. Que sua infelicidade lhes sirva de exemplo."

Ouvindo estas palavras, a rosa agonizante agitou-se, e disse, com voz entrecortada:

"Escutai, antes, vós, ignorantes, mediocres, covardes. Ontem, eu era como vós, humilde e satisfeita. Mas a satisfação que me protegia, também me limitava. Podia continuar a viver como vós, colada à terra, até que o inverno me envolvesse na sua neve e me levasse ao silêncio eterno, sem que conhecesse dos segredos e glórias desta vida mais do que as inúmeras gerações de violetas, desde que existem violetas.

Mas escutei no silêncio da noite, e ouvi o mundo superior dizer a este mundo: O alvo da vida é alcançar o que há além da vida. Pedi, então, à Natureza — que nada é senão a materialização de nossos sonhos invisíveis — que me transformasse em rosa. E a Natureza atendeu ao meu desejo.

Vivi uma hora como rosa. Vivi uma hora como rainha. Vi o mundo com os olhos das rosas. Ouvi a melodia do éter com os ouvidos das rosas. Acaricieei a luz com as pétalas das rosas. Pode alguma de vós gabar-se desta honra?

Morro agora, levando na alma o que nenhuma violeta jamais experimentara. Morro, sabendo o que há por trás dos horizontes estreitos onde nasci. É este o alvo da vida."

LIBERTAR O HOMEM DE SI MESMO

GIBRAN acreditava que sua estada em Paris abriria uma etapa decisiva em sua vida. Na verdade, essa estada havia simplesmente acelerado sua evolução, alargando suas ambições e enriquecendo sua cultura. Mas não havia transformado sua vida.

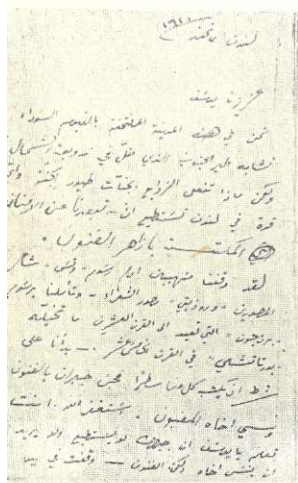
O fato determinante em sua vida, aquele que a divide em duas épocas bem diferentes, é a data em que deixa de escrever em árabe e se entrega ao inglês. O fenômeno começou imperceptivelmente, Mary Haskel incentivando Gibran a escrever em inglês. De 1918 a 1920, Gibran publica obras nas duas línguas. Mas a partir de 1920, dedica-se definitivamente ao inglês.

Era mais do que uma língua que abandonava, mais do que uma língua que adotava: na verdade, passava de um mundo para outro.

Sua orientação fundamental permanece a mesma: está convencido de que tem uma mensagem a transmitir à humanidade através de seus escritos e pinturas. Mas a substância da mensagem muda.

Gibran, até então, não tinha vivido na América senão com o corpo. Seu espírito, suas atividades, suas ambições, suas preocupações, seus escritos se achavam orientados para o Líbano e o Mundo Árabe, que ele queria emancipar pela revolução.

Mas pouco a pouco, uma dupla transforma-



A caligrafia de Gibran
em árabe

ção se opera nele.

Em primeiro lugar, a sabedoria e a maturidade suplantam em sua alma o ardor revolucionário. Para além dos conflitos que opõem os homens aos homens, vê os conflitos mais profundos que opõem o homem a si mesmo. E para além da dominação exercida sobre o povo pelo clero e os tiranos feudais, vê a dominação exercida sobre cada um de nós pelas imperfeições e limitações próprias à nossa natureza humana. E é o homem, todos os homens, que êle aspira doravante à libertar pela sabedoria.

Ao mesmo tempo, suas ambições em constante crescimento o desviam do público leitor árabe, de dimensões limitadas, para o público leitor ilimitado de língua inglesa. E, não tendo ligações com os problemas sociais e políticos dos Estados Unidos, encontra-se mais naturalmente levado a concentrar-se nos assuntos de interesse humano geral.

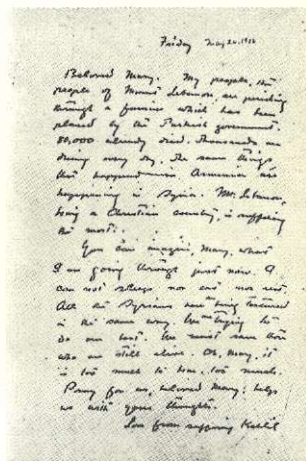
Assim, com a língua, tudo muda: os temas, o tom, o objetivo. E, a maturidade ajudando, será inquietando-se com os problemas eternos do homem que Gibran atingirá seu apogeu.

Sua vida e seu temperamento seguem um ritmo que não mudará mais.

Enquanto seu gênio amadurece, o coração permanece o mesmo: sempre jovem, sempre apaixonado, sempre inquieto. Continua a escrever páginas muito belas sobre o amor, ao qual dá o primeiro lugar na vida. E continua a procurá-lo através de aventuras ocasionais.

Mas nenhum grande amor virá tirá-lo de sua solidão.

E o tédio o domina na companhia dos homens. Refugia-se cada vez mais em seus livros e sua pintura. E cada vez que realiza um so-



A caligrafia de Gibran em inglês

nho, um sonho maior se lhe impõe.

Seu primeiro livro em inglês, *O Louco*, aparece em 1918. Compõe-se de 34 parábolas curtas, que são a expressão de uma vida interior ainda tumultuada e cheia de paixões não controladas.

É um grito de revolta contra a hipocrisia, a ignorância, a insensibilidade. Eis aqui uma de suas parábolas características, intitulada *O Olho*:

“Um dia, o Olho disse: Vejo, lá além dos vales, uma montanha velada pela bruma. Não é bela?”

O Ouvido pôs-se a escutar, e disse: Mas onde é que há alguma montanha? Não a ouço.

Então, a Mão falou e disse: Tento em vão tocá-la. Não encontro montanha alguma.

Disse o Nariz: Não há nenhuma montanha. Não lhe sinto o odor.

Então o Olho voltou seu olhar para outra parte. E todos puseram-se a comentar a estranha alucinação do Olho, dizendo uns aos outros: Há qualquer coisa errada com o Olho.”

Em 1920, Gibran publica seu segundo livro em inglês, *O Precursor*. No Evangelho, “precursor” é o apelido de São João Batista, que precedeu e anunciou Cristo. Talvez Gibran tenha querido insinuar que este livro precedia e anunciava *O Profeta*.

“Tu és o precursor de ti mesmo. E as edificações que construiste na tua vida serão simples fundações para teu Eu gigante. E, por sua vez, esse Eu gigante será uma base para um outro Eu, ainda maior.

Desde o começo do tempo nós somos os precursores de nós mesmos. E o que acumulamos

em nossas vidas nada é senão sementes para campos ainda incultos. Nós somos os campos e os lavradores. Nós somos as frutas e os colhedores das frutas."

O livro contém parábolas e provérbios que pintam e combatem os defeitos humanos que Gibran mais detestava (a tirania, a cobiça, a cegueira) e poemas em prosa que cantam a insatisfação da alma neste mundo materialista e suas aspirações para um mundo superior. A visão já é mais ampla; e a sabedoria, mais serena. A ironia é mais controlada e menos amarga. O capítulo final, intitulado *A Última Vigília*, é como uma ponte entre este livro e *O Profeta*.

Eis alguns trechos desta vigília, sumamente humana: À noite, o Precursor sobe ao terraço da sua casa e dirige-se nos seguintes termos ao povo adormecido:

"Meus amigos, meus vizinhos e todos vós que cada dia passais por minha porta, gostaria de dirigir-me a vós em vosso sono, pois vossas horas despertas são muito desatentas e vossos ouvidos tornam-se surdos quando os barulhos os invadem. Desde há muito tempo, amo-vos, e com super-abundância.

Amo a cada um de vós como se fosse todos vós, e a todos como se fossem um... Amo o gigante e o pigmeu, o leproso e o ungido, aquele que apalpa seu caminho nas trevas como aquele que dança seus dias sobre a montanha.

Mas, ai, foi a super-abundância do meu amor que vos afastou de mim. Pois sois capazes de beber o amor numa taça, mas não num rio tumultuoso.

E porque amei-vos todos, dissestes: Ele ama como um cego que não distingue a beleza da

fealdade.

*E dissestes muito mais. E no meu coração,
decidi amar-vos ainda mais, mas esconder meu
amor sob um veu de ódio.*

*Do alto do meu teto, chamei-vos hipócritas,
fariseus, velhacos e trapaceiros.*



O quarto de dormir de Gibran

Mas, enquanto meus lábios vos denunciavam, meu coração sangrava dentro de mim e vos chamava com nomes ternos.

E imaginai que milagre se operou então!

Meu disfarce abriu vossos olhos, e meu ódio simulado despertou vossos corações "

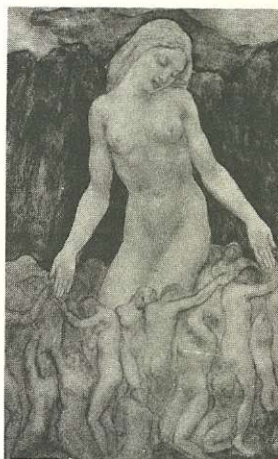
7

"O PROFETA": UMA DEFESA CONTRA A DESUMANIZAÇÃO DO HOMEM

EM 1923, aparece o terceiro livro inglês de Gibran, *O Profeta*, sua obra-prima sob todos os pontos de vista: a que continua a ter o maior êxito e a que concretiza, no mais alto grau, aquele senso messiânico que foi sempre o centro de sua vida.

Gibran tinha escrito o primeiro esboço de seu livro na idade de 15 anos, em árabe; e o reescreveu cinco vezes em inglês antes de entregá-lo a seu editor.

Durante esta gestação de 25 anos, a mensagem se formava no fundo de seu coração, como uma pérola se forma no fundo do mar.





E quando a pérola é enfim expelida, êle suspira de alívio: “Enfim pronunciei-a, a palavra que trago comigo desde que nasci e que vim ao mundo para pronunciar”, declara, jubiloso, a um amigo.

E essa palavra não era para êle uma mensagem simplesmente teórica, simplesmente intelectual: era a expressão de sua própria vida.

As idéias que prega (sôbre o conforto, o amor, a amizade, o trabalho...), êle as praticava. E sua morada e seu modo de vida continuarão a ser marcados pela mesma simplicidade, mesmo depois que o sucesso o tornará milionário.

Que contém esse livro famoso? Um corpo de reflexões aplicáveis às diferentes atividades da vida, e que Gibran acumulara através de suas experiências e meditações.

Gibran imagina um profeta que viveu doze anos numa terra estrangeira, e que, no momento de embarcar para sua ilha natal, é cercado pelo povo — que lhe pede deixar-lhe a essência de sua experiência e sabedoria.

“E de que quereis que vos fale?” pergunta o Profeta.

E cada um sugere um assunto. E o Profeta o comenta.

Os assuntos escolhidos se relacionam com os aspectos mais fundamentais da vida: o amor, o casamento, os filhos, o crime e o castigo, a liberdade, a morte...

As idéias expressas não constituem um sistema filosófico, mas antes um ideal de vida. E este ideal é tanto prático como espiritual. Convence e exalta, ao mesmo tempo. Porque, baseado nas atividades mais comuns da exis-



Bárbara Young

tência, dá a essas atividades um sentido que as transfigura. Casamento, conversação, trabalho, prazer, amor, vender e comprar, beber e comer, todas as nossas atividades são aceitas e aprovadas; mas, ao mesmo tempo, embelezadas e elevadas. Gibran não nos propõe o heroísmo, mas a grandeza. Não nos convida a renunciar à vida, mas a sermos dignos dela. Não procura fazer de nós super-homens, mas homens completos.

O sucesso que *O Profeta* conquistou em todos os países indica a que ponto ele responde às aspirações mais profundas da alma, especialmente neste século em que a alma se sente cada vez mais invadida e ameaçada pelo materialismo. Nos Estados Unidos (onde se vendem dele cerca de 300.000 exemplares por ano), sua popularidade é muito significativa porque mostra que, mesmo nos países mais cumulados com os benefícios da ciência, o coração humano sente a nostalgia dos valores espirituais e a necessidade de defender-se contra a sua própria desumanização.

Em todas as páginas, passagens inspiradoras iluminam o caminho da vida:

"Vossos filhos não são vossos filhos. São os filhos e as filhas da ânsia da vida por si mesma.

Vêm através de vós, mas não de vós.

E embora vivam convosco, não vos pertencem."

"Dizeis muitas vezes: Eu daria, mas somente àqueles que o merecem.

As árvores de vossos pomares não falam assim, nem os rebanhos de vossos pastos.

Dão para continuar a viver, pois reter é perecer."

"E agora vós perguntais em vosso coração: como distinguiremos no prazer o que é bom do que é mau?

Ide, pois, aos vossos campos e pomares e lá aprendereis que o prazer da abelha é sugar o mel da flor, mas que o prazer da flor é entregar o mel à abelha.

Pois, para a abelha, uma flor é uma fonte de vida. E, para a flor, a abelha é uma mensageira de amor.

E para ambas, a abelha e a flor, dar e receber o prazer é uma necessidade e um êxtase."

O Profeta termina com um comovente discurso de adeus, em que Al-Mustafa desenvolve suas idéias sobre a vida em geral, o destino humano, as relações entre as almas de elite e o povo. Exprime também, em termos belíssimos, a nostalgia da separação e a esperança de um outro encontro.

E conclui:

"Se estas forem palavras vagas, não as procureis esclarecer.

Pois, hoje, vós não vedes, nem ouvis, e é melhor assim.

Mas um dia, o véu que cobre vossos olhos será retirado pelas mãos que o teceram.

E a argila que obstrói vossos ouvidos será rompida pelos dedos que a amassaram.

Então vereis,

Então ouvireis,

E não deplorareis ter conhecido a cegueira

e a surdez.

Pois, naquele dia, compreendereis a finalidade oculta de todas as coisas.

E bendireis as trevas como bendizeis a luz."

8

AREIA E ESPUMA



EM 1927, Gibran publica um quarto pequeno livro, que havia nascido como por acaso e se revelaria o seu segundo *best-seller*, após *O Profeta: Areia e Espuma*.

Constituído de 322 pensamentos e reflexões, o livro teve sua origem numa iniciativa de Bárbara Young, uma poetisa norte-americana que frequentava e assessorava Gibran. Propôs-lhe ela que reunisse num volume os pensamentos que não haviam sido incluídos em outros livros.

A primeira reação de Gibran foi desfavorável. "Haveria aí somente areia e espuma", argumentou. Mas falando assim, viu nesta própria expressão um título feliz. E começou a interessar-se pela obra.

Conta Barbara Young: "Remetia-me com acanhamento ora um pedaço de um programa de teatro, ora um maço de cigarros vazio ou um envelope rasgado, sobre os quais havia rabiscado algumas linhas, dizendo-me: "Eis aí para tua tola coleção de areia e espuma". Mas, na realidade, o interesse de Gibran aumentava. Escrevia textos especiais para o novo livro, e este foi completado em poucos meses.

É um livro de profunda ternura humana. Marca a cura definitiva de Gibran do vírus Nietzscheiano e sua volta à bondade evangélica.

O escritor que proclamava em *As Tempestades* que todos os homens são cadáveres pútridos, que é urgente enterrar, afirma agora:

"Quando alcançares o coração da vida, não te achareis superior ao criminoso nem inferior ao profeta."

"A piedade não é mais do que meia justiça."

"Deves ter ouvido falar da Montanha Sagrada."

É a montanha mais alta do mundo."

Se lhe atingires o cume, terás apenas um desejo: descer e estar com os que moram no vale mais profundo."

É por isso que é chamada a Montanha Sagrada."



UM LIVRO PARA AS ALMAS MAIS SENSÍVEIS

EM *O Profeta*, Gibran expôs um ideal de vida abstrata. Em *Jesus, o Filho do Homem*, publicado em 1928, dá-nos o mesmo ideal personificado em Jesus.

Desde a infância, Gibran tinha estado fascinado pela personalidade e o ensinamento de Jesus. E Jesus havia sido o verdadeiro herói de todos os seus contos ideológicos. Para êle, nestes contos, Jesus era um revolucionário e um rebelde, o amigo dos deserdados, o apoio dos fracos, o aliado dos oprimidos, que lutou e morreu por êles, e continua a inspirar-lhes, não a aceitação resignada da sua sorte, mas a vontade de revoltar-se e de vencer.

À medida que amadurecia, porém, e aprofundava seu conhecimento da vida, Gibran descobria em Jesus mais do que um revolucionário e um rebelde. E sua concepção de Jesus evoluía paralelamente à sua própria evolução. Tem sido, aliás, sempre assim com nossos deuses. Criamo-los tanto quanto êles nos criam. E sua imagem muda na medida em que mudamos.

No tempo em que começou a escrever seu livro, Gibran tinha alcançado a plenitude de sua maturidade. Longe estavam os dias em que dividia com simplismo a humanidade em



*Jesus, como Gibran
o imaginou*

pobres e ricos, em povo e aristocracia, sendo os primeiros sempre bons e os segundos sempre maus. Longe, também, os dias em que via na libertação do homem do jugo do homem a primeira necessidade. E longe os dias de excessivo entusiasmo por Nietzsche e seus arrebatamentos.

Seu novo ideal, muito mais equilibrado e em que o homem procura essencialmente superar-se a si mesmo e vencer-se a si mesmo, este ideal, ele o expôs em *O Profeta*. Mas sentia, sem dúvida, ao mesmo tempo, a necessidade de dar corpo a este ideal e também de proclamar a sua nova concepção de Jesus.

O resultado foi *Jesus, o Filho do Homem*, que é uma evocação comovente da personalidade de Jesus e um convite para seguir-lhe os passos, sendo considerado Jesus não como um Deus, mas como o homem mais sublime que já visitou este planeta, a personificação de todas as virtudes, de todas as qualidades que deveríamos esforçar-nos por atingir.

Não é o trabalho de um exegeta ou de um historiador preocupado com a verdade científica. É o trabalho de um poeta e de um idealista preocupado com a verdade humana.

A figura que pinta de Jesus é tanto a do Evangelho como a da sua própria alma.

Do Evangelho, Gibran toma emprestado o essencial da personalidade de Jesus, mas éle a retoca tanto para adaptá-la melhor às suas próprias concepções e inclinações, como para aproximá-la de nossa humanidade, mantendo-a, contudo, bastante superior a nós para inspirar nossa fé e nossa adoração.

Jesus, o Filho do Homem é, no fundo, o próprio Gibran tal como éle queria ter sido e tal como imagina que todo homem deveria



procurar tornar-se.

E, como sempre, a arte de Gibran realça magistralmente suas idéias.

Gibran encontra, para desenvolver seu assunto, uma fórmula original, que lhe permite utilizar mais eficazmente a força das emoções e a magia das imagens.

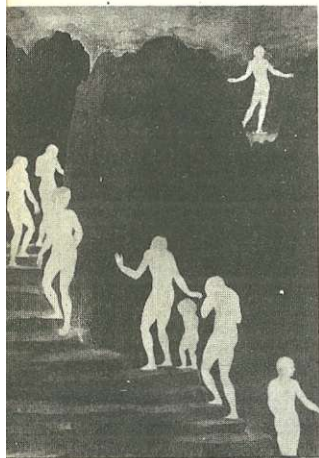
Em vez de contar a vida de Jesus à maneira de um historiador, faz que falem dele, ficticiamente, setenta e sete de seus contemporâneos, que o descrevem, cada um, como o conheceu e concebera.

A narração direta dá ao relato um realismo e uma vida que seria difícil criar de outra forma, e a diversidade das vozes permite intercalar, entre capítulos de intensa emotividade, outros mais serenos e mais práticos.

E o resultado é um Jesus tão real e tão palpitante de vida quanto os heróis criados pelos maiores romancistas. Vemos seu corpo, seu andar, seus gestos, suas idas e vindas. Assistimos a seus milagres, às suas pregações, à sua crucificação. Vivemos com êle através do livro, como acompanhamos um amigo no curso da existência. E quando terminamos a leitura, este ser único e fascinante continua a habitar no fundo de nosso coração.

Assim, *O Profeta* e *Jesus, o Filho do Homem* se completam. Um expõe um ideal de vida; o outro apresenta a personificação mais sublime desse ideal.

O Profeta é acessível ao maior número; *Jesus, o Filho do Homem* é o apanágio das almas mais elevadas e sensíveis.



ENCONTRO DE JESUS E DE MARIA MADALENA

TODAS as páginas deste livro merecem ser lidas e relidas. Citemos simplesmente alguns trechos da narração em que Maria Madalena relata seu encontro com Jesus:

"Foi no mês de agosto que O vi novamente, através de minha janela. Estava sentado à sombra do cipreste, em meu jardim, e estava imóvel como se tivesse sido talhado na pedra, como as estátuas de Antióquia e das outras cidades do país do Norte.

E minha escrava, a egípcia, veio até mim e disse: "Aquele homem está novamente aqui. Está sentado ali, em vosso jardim."

E olhei para Ele, e minha alma estremeceu dentro de mim. Pois Ele era belo.

Seu corpo era perfeitamente coordenado, e cada parte parecia amar cada outra parte.

Então, vesti-me com vestidos de Damasco, deixei minha casa e dirigi-me para Ele.

Seria a minha solidão, ou seria Sua fragrância que me impelia para Ele? Era uma fome em meus olhos que desejava a beleza ou era Sua Beleza que buscava a luz dos meus olhos? Ainda hoje não o sei.

Caminhei para Ele com meus vestidos perfumados e minhas sandálias douradas que o capitão romano me deu, sim, estas mesmas sandálias. Quando O alcancei, disse-lhe: "Bom dia para vós."

E Ele disse: "Bom dia para ti, Miriam."



Maria Madalena,
como Gibran a imaginou

E olhou para mim, e Seus olhos-de-noite me viram como nenhum outro homem jamais me tinha visto. Subitamente, senti-me como se estivesse despida, e fiquei envergonhada.

Entretanto, Ele apenas dissera: "Bom dia para ti, Miriam."

E eu disse: "Não quereis servir-vos de pão e vinho comigo?"

E Ele disse: "Sim, Miriam, mas não agora."

Não agora, não agora, disse Ele. E a voz do mar estava nestas duas palavras, e a voz dos ventos e das árvores. E quando Ele mas disse, a vida falou à morte.

Pois imagina, meu amigo, eu estava morta. Era uma mulher que se tinha divorciado de sua alma. Estava vivendo à parte deste Eu que agora estás vendo. Pertencia a todos os homens, e a nenhum. Chamavam-me prostituta e uma mulher possuída por sete demônios. Eu era amaldiçoada, e era invejada.

Mas quando Seus olhos-de-aurora olharam dentro dos meus olhos, todas as estrelas da minha noite desvaneceram-se, e tornei-me Miriam, somente Miriam, uma mulher perdida para a terra que tinha conhecido, e encontrando-se em novos lugares.

E eu Lhe disse: "Entrai em minha casa e partilhai comigo o pão e o vinho."

E Ele disse: "Por que me convidas para ser teu hóspede?"

E eu Lhe disse: "Rogo-vos que entreis em minha casa." E era tudo o que era terra em mim e tudo o que era céu em mim chamando por Ele.

Então, Ele me olhou, e o meio-dia dos Seus

olhos estava sobre mim, e Ele disse: "Tens muitos amantes e, entretanto, só eu te amo. Os outros homens amam a si mesmos quando te procuram. Eu te amo por ti mesma. Os outros homens vêem em ti uma beleza que desaparecerá mais cedo do que seus próprios anos. Mas eu vejo em ti uma beleza que não esmaecerá e, no outono dos teus dias, esta beleza não terá receio de olhar-se no espelho, e não será ofendida. Somente eu amo o que não se vê em ti."

Depois, Ele disse numa voz suave: "Vai embora, agora. Se este cipreste é teu, e não quiseses que me sente à sua sombra, prosseguirei meu caminho."

E gritei para Ele, e disse-lhe: "Mestre, entra em minha casa. Tenho incenso para queimar para Ti, e uma bacia de prata para Teus pés. Tu és um estranho e, entretanto, não és um estranho. Peço-Te, vem à minha casa."

Então, Ele levantou-se e olhou-me, como as estações devem olhar para os campos, e sorriu. E disse novamente: "Todos os homens te amam por si mesmos. Eu te amo por ti mesma."

E, então, afastou-se, caminhando.

Mas nenhum outro homem jamais caminhou da maneira como Ele caminhava. Era uma brisa nascida no meu jardim, que se movia para o Leste? Ou era uma tempestade que abalaria todas as coisas até seus alicerces?

Eu não sabia, mas naquele dia, o poente de Seus olhos matou o dragão que havia em mim, e tornei-me uma mulher, tornei-me Miriam, Miriam de Mijdel."

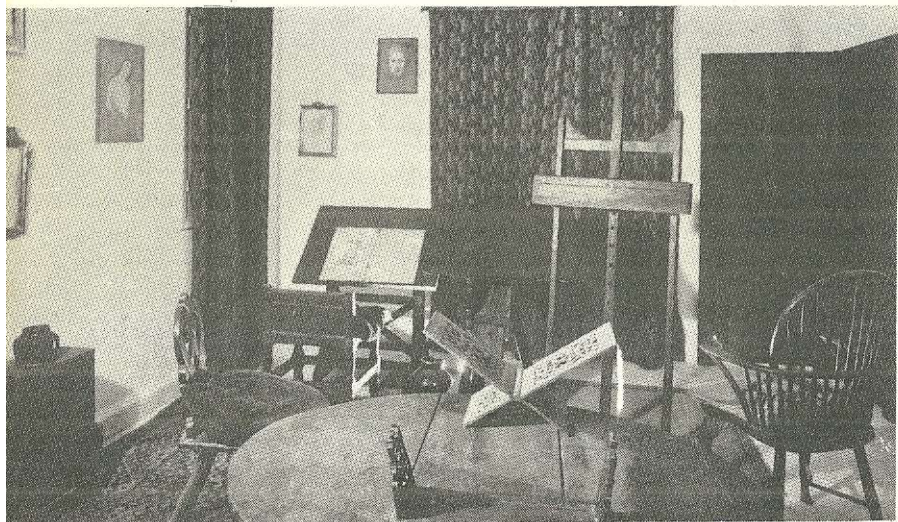
É em Jesus, o Filho do Homem, que Gibran atinge a perfeição suprema do seu esti-

lo. É difícil encontrar, não importa em qual literatura, um livro que encante e enfeitece pela pura beleza da forma tanto quanto *Jesus, o Filho do Homem*.

Nele, Gibran atinge uma maneira verdadeiramente escultural de conceber e exprimir-se. Fala de Jesus no mesmo estilo do Evangelho. Toma emprestado suas imagens e suas parábolas à natureza, às estações, aos campos, às flores, aos pássaros; e envolve-as numa harmonia musical cheia de magia.

"Uma semente escondida no coração de uma maçã é um pomar invisível. Mas, se a semente cair sobre um rochedo, não dará em nada."

"Quando lavrais, e vosso ajudante lança a semente à terra detrás de vós, acaso parais e voltai-vos para enxotar um pardal que se alimenta de algumas de vossas sementes? Se o fizésseis, não seríeis dignos das riquezas de vossa colheita."



O Estúdio de Gibran em Nova Iorque

COM AMOR E SABEDORIA

É NESSES três livros que se exprime, da maneira mais luminosa, a mensagem de Gibran. Duas palavras resumem essa mensagem: amor e sabedoria — o amor, pelo qual o homem consegue identificar-se com os outros homens e com a natureza; a sabedoria, pela qual consegue penetrar os segredos da vida, descobrir, ao mesmo tempo, a grandeza e as limitações do destino humano e, assim, conquistar a serenidade e a paz.

Gibran quer acrescentar ao progresso e às riquezas materiais da civilização ocidental a riqueza espiritual das milenares civilizações orientais. E ele não vê contradição entre esses dois legados do homem, desde que ele aprenda a os conciliar.

Muitos pregadores pregam a salvação do homem através do seu afastamento de todos os prazeres, da sua renúncia aos seus apetites e desejos, em benefício das suas aspirações. Gibran segue outro caminho: procura conciliar nossos apetites e nossas aspirações, convidando-nos a gozar de todos os bens da vida — ao nível, porém, do que há de mais elevado, e não mais baixo, em nós.

Gibran acredita na continuidade da vida humana — que começa antes do nascimento e se prolonga por além do túmulo. A morte torna-se assim uma mera etapa da própria vida e perde o poder de nos aterrorizar. Diz



ele em *Areia e Espuma*: *"Quando tiverdes desvendado todos os mistérios da vida, ansiareis pela morte, pois ela não é senão outro mistério da vida."*

Gibran acredita na solidariedade de todos os homens, na necessidade de sua fraternização. Prega a ternura para com todos eles. Ao seu ver, o homem superior não é o homem que domina seus semelhantes, mas aquele que sabe compreendê-los e amá-los apesar das suas imperfeições, graças a sua própria elevação.

Acredita no poder do amor, de tornarmos-nos felizes e puros, mesmo através dos sofrimentos.

"Quando o amor vos chamar, segui-o, embora seus caminhos sejam agrestes e escarpados; e quando ele vos envolver com suas asas, cedei-lhe, embora a espada oculta na sua plumagem possa ferir-vos; e quando ele vos falar, acreditai nele, embora sua voz possa despedaçar vossos sonhos como o vento devasta o jardim." (O Profeta)

Gibran nos ensina a ser fortes com os fortes, mas compassivos com os fracos, e a amar os que caem, e a ajudá-los antes que condená-los.

Leia em que termos ele comenta a morte de Jesus Cristo na cruz e como nos convida a sermos ao mesmo tempo invencíveis e cheios de bondade:

"Ele não pronunciou uma palavra quando cravaram os pregos em Suas mãos e pés, nem fez ruído algum."

E Seus membros não estremeceram sob o martelo."

"E quando nosso Amado morreu, eu também morri. Mas nas profundezas de meu es-

quecimento, ouvi-O falar e dizer: "Pai, perdoai-lhes porque não sabem o que fazem."

E Sua voz procurou meu espírito afogado e fui trazido de volta à praia.

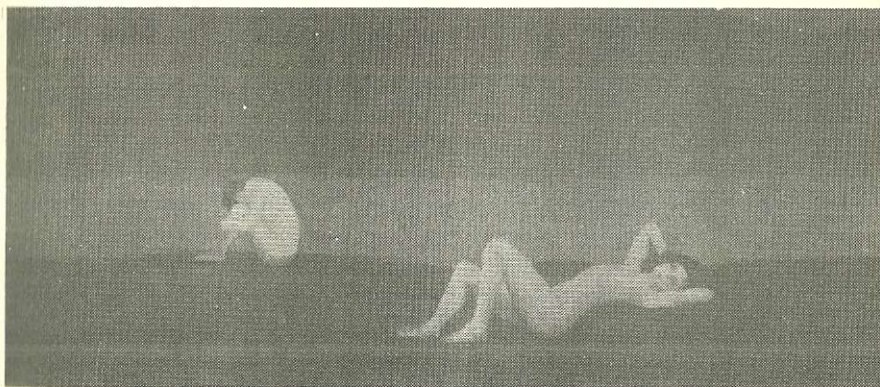
Que outro juiz de homens terá assim absolvido seus juizes? E jamais o amor desafiou o ódio com força mais segura de si mesma?

Soube-se antes de algum assassinado ter compaixão de seus assassinos? Ou de um me-teoro deter-se por causa de uma topeira?

As estações cansar-se-ão e os anos envelhecerão antes que se esgotem estas palavras: Pai, perdoai-lhes porque não sabem o que fazem." (Jesus, o Filho do Homem)

Gibran acredita que o homem, ao afastar-se da Natureza, está transformando suas cidades em cárceres. Para salvar-se deveria voltar à Natureza, aprender dela e harmonizar-se com ela.

"A flor diz: Olho sempre para cima a fim de ver a luz e não a minha sombra!" Este é um aspecto da sabedoria que o homem ainda não aprendeu."



O DECLÍNIO

O *PROFETA* e *Jesus, o Filho do Homem* são os monumentos mais elevados que o gênio de Gibran edificou. Antes deles, era ainda a ascensão; depois deles, já é o declínio.

Em 1931, Gibran publica um livro intitulada *Os Deuses da Terra*, que se compõe de um só poema, de forma alegórica e tom épico, no qual Gibran exprime suas idéias sobre o homem e a vida.

O poema é um diálogo entre três deuses terrestres. O primeiro está cansado de reinar. O segundo tem ainda a ambição de reinar. O terceiro, jovem e apaixonado, descobriu o amor sobre a terra e o acha mais atraente do que qualquer reinado.

Os dois pensamentos diretrizes do livro são:

1 — O amor é mais forte que os próprios deuses, e é a dádiva mais preciosa da vida.

2 — O homem é destinado a tornar-se igual aos deuses. Pois o que é humano perde seu valor se permanecer humano. O homem é o pão dos deuses. E da mesma forma com que o grão de trigo se transforma em melodia de amor quando o pássaro o come, assim o homem se transformará em divindade quando for absorvido pelos deuses.

Com *O Errante*, que Gibran deixou em manuscrito e foi publicado um ano depois de sua morte, em 1932, acentua-se o afastamento de



Gibran dos cumes de *O Profeta* e *Jesus, o Filho do Homem*.

O Errante recorda *O Louco*: é feito de um conjunto de cinquenta parábolas e fábulas, nas quais uma amargura sombria, uma ironia impiedosa contrastam quase dolorosamente com a iluminação de *O Profeta* e a força serena de *Jesus, o Filho do Homem*.

Antes mesmo de terminar *O Errante*, Gibran tinha começado a trabalhar em *O Jardim do Profeta*. Nele trabalhou até às vésperas de sua morte.

Bárbara Young deu uma forma definitiva aos manuscritos deixados por Gibran e publicou o livro dois anos após a morte do autor, em 1933.

O Profeta termina com a partida de Al-Mustafá da cidade de Orfalese. *O Jardim do Profeta* abre-se com a chegada de Al-Mustafá à sua ilha natal.

Como em *O Profeta*, seus discípulos formulam-lhe perguntas e ele as responde; mas perguntas e respostas flutuam numa atmosfera demasiadamente vaga e inconsistente.

Entretanto, de página em página, encontram-se idéias originais expressas com beleza:

"Frequentemente vos tenho ouvido falar da noite como de um tempo de repouso; na verdade, a noite é o tempo da pesquisa e da descoberta."

Mas o que há de mais belo no livro é o amor à natureza, um amor não mais romântico, mas humano:

"Tu e a pedra não sois senão um só. A única diferença está no ritmo das pulsações do coração. Teu coração bate um pouco mais



A irmã de Gibran, Mariana

rapidamente."

Como *O Profeta*, *O Jardim do Profeta* termina com um adeus e uma promessa de retorno.

E tem-se a impressão de que *O Jardim do Profeta* não é senão uma pálida repetição de *O Profeta*. Dir-se-ia que a substância que chegara à condensação em *O Profeta* voltou a ser bruma. O homem que alcançara a sua meta recomeçou a procurar.

É que, enquanto trabalhava no *Jardim do Profeta*, a doença fazia progressos mortais em seu corpo.

Gibran tinha sido sempre um homem debilitado. A doença, dizia ele, era seu estado normal; a saúde, períodos de trégua.

Pagou frequentemente o preço de seus livros em sofrimentos físicos extenuantes.

Às vezes, gemia: "Há alguma coisa mais dolorosa do que a união de um espírito que quer com um corpo que não pode?... Sou como uma abelha doente num jardim de flores."

A moléstia agrava-se no início de 1931. Gibran enfraquece de dia em dia. Sofre do estômago e dos intestinos. Sente palpitações no coração. Tinha apenas 48 anos.

A 3 de abril, Sexta-Feira Santa, passa o dia sozinho, segundo um velho hábito. Sentia vivamente a agonia de Cristo. Depois da hora da Crucificação, telefonava a Bárbara Young: "Mais uma vez tudo está consumado."

Naquele dia, dá os últimos retoques aos desenhos de *O Errante*. Depois, continua a trabalhar no sábado e mesmo no domingo de Páscoa, escondendo seu mal, alegando aos



Gibran, por Joseph Hoveck

amigos que estava atacado pela “doença do trabalho”.

Logo depois, entretanto, o mal aumenta, e ele é transferido ao Hospital São Vicente. Morre a dez de abril, na primeira sexta-feira depois da Sexta-Feira Santa, no curso de uma crise pulmonar que o deixara inconsciente. Tinha dito um dia: “Aspiro à eternidade, porque lá encontrarei meus poemas não escritos e meus quadros não pintados.”

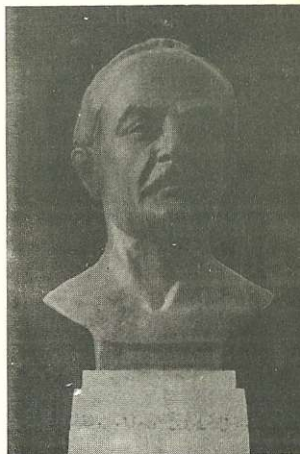
13

A VOLTA AO LÍBANO

A NOTÍCIA de sua morte teve grande repercussão, e seu corpo ficou exposto até o domingo em câmara ardente. Milhares de admiradores foram dizer-lhe adeus.

Na manhã de segunda-feira, o corpo foi transferido de trem para Boston, onde ficou exposto durante dois dias na sede de uma associação libanesa. Outros milhares de admiradores lhe prestaram as últimas homenagens, fazendo-se notar os orientais por suas manifestações emocionais.

Num certo momento, os presentes foram



*Busto de Gibran,
por Halim El-Hajj*

surpreendidos com a chegada de uma mulher vestida toda de branco, que abriu caminho até junto do corpo, depositou um beijo nos lábios frios e retirou-se. Ninguém lhe pode ver a face, nem a reconheceu.

As exéquias foram celebradas na Igreja de Nossa Senhora dos Cedros, em Boston, por Monsenhor Stephan Douaihy. Centenas de pessoas tiveram que acompanhar a cerimônia da rua, por falta de lugar.

Em seguida, Gibran foi enterrado provisoriamente no Cemitério São Benedito. O cortejo fúnebre percorreu as ruas a pé, interrompendo o trânsito durante vinte minutos na grande cidade de Boston, e dando lugar a cenas públicas raras em qualquer cidade ocidental: dezenas de pessoas caíam de joelhos pelas calçadas, e ouviam-se por toda parte choros e lamentações.

Gibran tinha exprimido mais de uma vez o desejo de ser enterrado na sua cidade natal de Becharre "à beira daquele vale majestoso de Kadisha... Que alegria se pudesse ouvir no meu sono eterno o timbre dos címbalos e a flauta do pastor!"

Logo depois de sua morte, sua irmã Mariana quis satisfazer-lhe o desejo. Comprou o velho convento de São Sarkis, onde Gibran havia sonhado viver como anacoreta em seus últimos anos, e preparou-o para servir de última morada ao irmão.

Em julho, seu corpo foi transferido do Cemitério São Benedito ao navio "Providence", para a viagem ao Líbano. A remoção teve lugar num dia de nevoeiro e chuva, tao ao gosto de Gibran. Uma multidão de amigos e admiradores acompanhou-o ao porto. Um deles recitou as palavras de *O Profeta*:

"Filhos de minha velha mãe, que correis na crista das vagas impetuosas,

Quantas vezes navegastes nos meus sonhos! E agora chegais ao meu despertar, que é meu sonho mais profundo."

Monsenhor Douaihy pronunciou algumas palavras comovidas; e o esquife, envolvido nas duas bandeiras dos Estados Unidos e do Líbano foi depositado no navio, ao som da música do "Tannhauser" (O Côro dos Peregrinos) e de "Peer Gynt" (A Morte de Aase).

O homem deixava o continente americano; mas sua mensagem ficava.

E no coração de todos os que o conheciam, ressoavam as últimas palavras de *O Profeta*.

"Adeus, povo de Orfalese! Breves foram meus dias entre vós, e mais breves ainda as palavras que pronunciei.

Mas se um dia, minha voz se desvanecer em vossos ouvidos, e se meu amor se evaporar de vossa memória, então voltarei a vós.

E, com um coração mais fecundo e lábios mais obedientes à voz do espírito, falar-vos-ei de novo."

No Líbano, o povo e as autoridades religiosas e civis lhe reservaram um acolhimento sem precedentes. Um profeta vivo corre o risco de ser excomungado ou lapidado. Mas um profeta morto é sempre glorificado.

Milhares de pessoas acompanharam o cortejo até Becharre; e no caminho, em todas as aldeias, era uma chuva de flores e de perfume.

Dezenas de oradores exaltaram seu gênio.

Depois, pode dormir seu sono eterno à beira do vale que tanto amou, no Convento de São

Sarkis, em meio de uma floresta de silêncio e de paz onde canta o rouxinol.

E, diante de seu túmulo, retomamos o nosso tema inicial.

Ele tinha sofrido e lutado. Mas teria triunfado?

14

"VIVEREI PARA ALÉM DO TÚMULO"



O ALVO que Gibran se fixara em sua obra (libertar e elevar o homem), profetas melhor armados do que êle jamais o atingiram em sua plenitude, sem dúvida porque é inatingível.

Mas Gibran triunfou em dois sentidos:

Em primeiro lugar, conheceu, em sua vida e em sua obra, uma ascensão constante que o aproximou de um ideal ao mesmo tempo definido e vivido por ele e que, sem alcançar as alturas sonhadas, constitui uma vitória certa nesta aventura da existência humana.

Em segundo lugar, esse ideal é bastante universal e humano para poder exercer uma atração sobre qualquer homem e poder ser

em parte realizado por qualquer homem. E Gibran soube iluminar o caminho desse ideal ao ponto de o tornar estimulante e vivificante para a maioria dos homens.

Conta Bárbara Young, em sua biografia de Gibran *This Man From Lebanon*, que certa senhora, tendo começado a folhear *O Profeta* numa livraria, ficou tão entusiasmada que gritou: "Eis o livro que sempre procurei! Exceto que não é, na verdade, um livro: é um alimento; é pão e vinho para as pessoas abatidas como eu."

A mesma renovação é sentida por centenas de milhares de pessoas ao contacto com o conjunto da obra gibrânica.

E haver assim chegado a elevar o homem, nem que seja só momentaneamente, acima de suas fraquezas e limitações, e a inspirar-lhe uma nova paixão por viver e realizar-se, é, em verdade, a mais bela vitória. Que bem mais precioso se poderia, com efeito, fazer a um homem, pergunta o Profeta, que o de transformar todas as suas aspirações em lábios ávidos e toda a vida em uma fonte?

E esse movimento para as alturas, Gibran continuará a inspirar-nos do mundo etéreo para onde se foi. Pois é ele quem fala pela boca de Al-Mustafá, em *O Jardim do Profeta*, para dizer-nos:

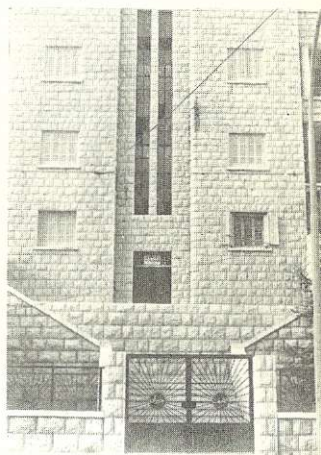
"Viverei para além do túmulo

E continuarei a cantar para vós,

Mesmo depois que as ondas do vasto mar

Me tenham reconduzido às profundezas.

E acompanhar-vos-ei a vossos campos,



O Museu de Gibran

*Espírito invisível;
E assentar-me-ei ao canto do vosso fogo,
Embora não me vejais.
A morte não muda senão as máscaras
que recobrem nossas faces.
O lenhador será sempre um lenhador,
E o lavrador será sempre um lavrador;
E os que lançam suas canções ao vento
Continuarão a fazê-lo em outras esferas."*



O Túmulo de Gibran

AREIA E ESPUMA



Caminho para sempre nestas praias
Entre a areia e a espuma.
A maré alta apagará minhas pegadas.
E o vento dissipará a espuma.
Mas o mar e a praia permanecerão
Para sempre.



Uma vez, enchi minha mão de neblina.
Depois, abri-a; e eis que a neblina era
um verme.

Fechei e abri novamente minha mão, e
lá estava um pássaro.

E novamente fechei e abri minha mão,
e em seu côncavo, erguia-se um homem
de face triste, virada para cima.

Fechei minha mão mais uma vez. e
quando a abri, não havia nada senão ne-
blina.

Mas ouvi uma canção de inexcedível
doçura.





Até ontem, considerava-me um simples fragmento, a tremer sem ritmo na esfera da vida.

Agora sei que sou a esfera, e que a vida toda se move dentro de mim em rítmicos fragmentos.



Dizem-me no seu despertar: "Tu e o mundo em que vives não sois mais do que um grão de areia na praia infinita de um mar infinito."

E, em meu sonho, digo-lhes: "Sou o mar infinito, e todos os mundos não são mais do que grãos de areia em minha praia."



Somente uma vez fiquei mudo: quando alguém me perguntou: "Quem és tu?"





O primeiro pensamento de Deus foi um anjo.

A primeira palavra de Deus foi um homem.



Éramos criaturas palpitantes, errantes, cheias de anseios, milhares e milhares de anos antes que o mar e o vento na floresta nos dessem palavras.

Como agora poderemos exprimir o antigo dos dias em nós com apenas os sons de nossos ontens?



A Esfinge falou uma vez só, e disse: "Um grão de areia é um deserto, e um deserto é um grão de areia; e agora fiquemos todos novamente em silêncio."

Ouvi a Esfinge, mas não entendi.





Vi, uma vez, o rosto de uma mulher,
e contemplei todos os seus filhos ainda
não nascidos.

E uma mulher olhou para a minha face,
e conheceu todos os meus antepassados,
mortos antes que ela nascesse.



Eu gostaria de atingir a minha pleni-
tude. Mas como o faria a não ser que
me tornasse um planeta habitado por se-
res inteligentes?

Não é esta a meta de todo homem?



Uma pérola é um templo construído
pela dor em torno de um grão de areia.

Que anseios construíram nossos cor-
pos, e em volta de que grãos?





Quando Deus me lançou, um seixo, neste lago maravilhoso, perturbei sua superfície com incontáveis círculos.

Mas quando alcancei as profundezas, fiquei inteiramente quieto.



Dêem-me o silêncio, e afrontarei a noite.



Tive um segundo nascimento quando minha alma e meu corpo se apaixonaram um pelo outro e se casaram.



Conheci, certa vez, um homem cujos ouvidos eram extraordinariamente sensíveis; mas ele era mudo. Tinha perdido a língua numa batalha.

Sei agora que batalhas aquele homem travara antes que chegasse o grande silêncio. Agrada-me que ele esteja morto.

O mundo não é bastante largo para nós dois.





Jazl muito tempo no pó do Egito, silencioso e alheio às estações.

Depois, o sol me deu nascimento, e ergui-me e caminhei pelas margens do Nilo,

Cantando com os dias e sonhando com as noites.

E agora, o sol anda sobre mim com mil pés para que eu possa fazer novamente no pó do Egito.

Mas olhem que prodígio e que enigma!

O próprio sol que me juntou não me pode dispersar.

Mantenho-me ainda ereto, e com pé firme caminho pelas margens do Nilo.



A lembrança é uma forma de encontro.



O esquecimento é uma forma de libertação.





Medimos o tempo pelo movimento de incontáveis sóis; e eles medem o tempo com pequenas máquinas em seus pequenos bolsos.

Agora, diga-me: como poderemos jamais nos encontrar no mesmo lugar e na mesma hora?



O espaço não é espaço entre a Terra e o Sol para quem olha para baixo, das janelas da Via Láctea.



A humanidade é um rio de luz correndo da ex-eternidade para a eternidade.



Será que os espíritos que moram no éter não invejam ao homem a sua dor?





Em meu caminho para a Cidade Santa, encontrei outro peregrino e perguntei-lhe: "É mesmo este o caminho para a Cidade Santa?"

E ele disse: "Siga-me, e alcançará a Cidade Santa em um dia e uma noite."

E segui-o. E caminhamos muitos dias e muitas noites, mas não alcançamos a Cidade Santa.

E, para surpresa minha, ficou zangado comigo, porque ele me havia desencaminhado.



Faze de mim, Senhor, a presa do leão, antes que fazer do coelho a minha presa.



Não podemos atingir a aurora sem passar pela noite.





Minha casa me diz: "Não me deixes, pois aqui mora teu passado."

E a estrada me diz: "Vem e segue-me, porque sou o teu futuro."

E eu digo a ambas: "Não tenho passado, nem futuro. Se ficar aqui, haverá uma ida em minha permanência; e se partir, haverá uma permanência em minha ida. Só o amor e a morte mudam todas as coisas."



Como posso perder minha fé na justiça da vida, quando os sonhos dos que dormem num colchão de penas não são mais belos do que os sonhos dos que dormem no chão?



Coisa estranha, o desejo de certos prazeres é uma parte de minha dor.





Sete vezes desprezei minha alma:

Quando a vi disfarçar-se com a humildade para alcançar a grandeza;

Quando a vi coxear na presença dos coxos.

Quando lhe deram a escolher entre o fácil e o difícil, e escolheu o fácil;

Quando cometeu um mal e consolou-se com a idéia de que outros cometem o mal também;

Quando aceitou a humilhação por covardia e atribuiu sua paciência à fortaleza;

Quando desprezou a fealdade de uma face que não era, na realidade, senão uma de suas próprias máscaras;

Quando considerou uma virtude elogiar e glorificar.





Sou ignorante ante a verdade absoluta. Mas sou humilde ante a minha ignorância, e nisto consistem minha honra e minha recompensa.



Existe um espaço entre a imaginação do homem e suas realizações que somente sua ânsia pode atravessar.



O paraíso está aí, atrás daquela porta, no quarto contíguo. Mas perdi a chave.

Talvez a tenha apenas posto fora do lugar.



Tu és cego e sou surdo-mudo. Basta-nos tocar as mãos para nos entendermos.





O medida do homem não está naquilo que ele alcança, mas naquilo que almeja alcançar.



Alguns de nós somos como tinta e outros como papel.

Não fosse pelo negrume de alguns de nós, quantos de nós seríamos mudos;

E não fosse pela brancura de outros, quantos de nós seríamos cegos.



Dai-me um ouvido, e vos darei uma voz.



Nossa mente é uma esponja; nosso coração é um arroio.

Não é estranho que a maioria de nós prefiramos embeber a correr?





Quando ansiais por bênçãos que não podeis nomear, e vos afligis sem saber por que, então, sem dúvida, estais crescendo com todas as coisas que crescem, e elevando-vos rumo ao vosso Eu maior.



Quando alguém está embriagado por uma visão, qualquer pálida expressão que dela der parece-lhe o próprio vinho.



Bebeis vinho para ficardes embriagados; eu bebo para me curar da embriaguez daquele outro vinho.



Quando a minha taça está vazia, resigno-me; mas quando está meio cheia, revolto-me.





A verdade da outra pessoa não está no que ela te revela, mas naquilo que não pode revelar-te.

Portanto, se quiseses compreendê-la, não escutes o que ela diz, mas, antes, o que não diz.



A metade do que digo não tem significado; mas digo-o para que a outra metade te possa alcançar.



Um senso de humor é um senso de proporção.



Minha solidão nasceu quando os homens elogiaram meus defeitos faladores e censuraram minhas virtudes silenciosas.





Quando a vida não encontra um cantor para cantar o seu coração, produz um filósofo para falar a sua mente.



A verdade deve ser sempre conhecida, mas poucas vezes enunciada.



O real em nós é silencioso; é o adquirido que fala.



A voz da vida em mim não pode alcançar o ouvido da vida em ti; mas fa-
leiros para que não nos sintamos soli-
tários.





Quando duas mulheres falam, não dizem nada; quando uma mulher fala, revela toda a vida.



A voz dos sapos talvez seja mais forte do que a dos bois; mas os sapos não podem puxar o arado no campo nem girar a roda do lagar, e não se pode confeccionar sapatos com suas peles.



Somente o mudo inveja o falador.



Se o Inverno dissesse: "A Primavera está no meu coração", quem acreditaria no Inverno?



Toda semente é um anseio.





Se abriesses realmente os olhos e visses,
contemplarias tua imagem em todas as
imagens.

E se abriesses os ouvidos e escutas-
ses, ouvirias tua voz em todas as vozes.



São necessários dois para descobrir
a verdade: um para enunciá-la, o outro
para entendê-la.



Embora ondas de palavras nos envol-
vam continuamente, nossas profundezas
estão sempre em silêncio.



Muitas doutrinas são como a vidraça
da janela. Vemos através dela, mas ela
nos separa da verdade.





Brinquemos agora de esconder. Se te escondesses no meu coração, não seria difícil encontrar-te. Mas se te escondesses atrás de tua própria casca, então seria inútil procurar por ti.



Uma mulher pode velar a face com um sorriso.



Quanto é nobre o coração triste que canta com os corações alegres!



Quem é capaz de compreender uma mulher, ou de dissecar o gênio, ou de desvendar o mistério do silêncio, é qual um homem que despertasse de um belo sonho para sentar-se à mesa do desjejum.





Caminho com todos aqueles que caminham. Não permaneceria imóvel, assistindo à procissão passar.



Deves mais do que ouro a quem te serve. Dá-lhe de teu coração ou serve-o.



Não, não temos vivido em vão. Não construíram torres com nossos ossos?



Não caíamos na discriminação nem no regionalismo. A mente do poeta e a cauda do escorpião erguem-se gloriosamente da mesma terra.



Todo dragão dá nascimento a um São Jorge, que o mata.



As árvores são poemas que a terra escreve sobre o firmamento. Derrubamo-las e transformamo-las em papel para registrar nosso vazio.



Se cuidais de escrever (e só os santos sabem por que o faríeis), precisareis possuir o conhecimento, a arte e a magia: o conhecimento da música das palavras, a arte de se libertar da arte, e a magia de amar vossos leitores.



Mergulham suas penas em nossos corações e pensam que são inspirados.



Se uma árvore escrevesse sua autobiografia, não seria diferente da história de qualquer raça:





Se tivesse de escolher entre o poder de escrever um poema e o êxtase de um poema não escrito, escolheria o êxtase. É uma forma superior de poesia.

Mas tu e todos os meus vizinhos concordais em que sempre escolho mal.



A poesia não é uma opinião expressa. É uma canção que se ergue de uma ferida em sangue ou de uma boca sorridente.



As palavras são eternas. Deveis pronunciá-las ou escreve-las, lembrando-vos da sua eternidade.



Um poeta é um rei destronado, sentado entre as cinzas do seu palácio e tentando confeccionar uma imagem com as cinzas.





A poesia é muita alegria e dor e espanto, e um pouco de dicionário.



Em vão, um poeta procurará a mãe das canções do seu coração.



Uma vez, disse eu a um poeta: "Só conheceremos teu valor após a tua morte."

E ele respondeu, dizendo: "De fato, a morte é sempre a reveladora. E se chegardes realmente a conhecer meu valor, será porque tenho mais no coração do que na língua, e mais no desejo do que na mão."



Se cantares a beleza, embora sozinho em pleno deserto, terás uma audiência.





A poesia é uma sabedoria que deslumbra o coração.

A sabedoria é uma poesia que canta na mente.

Se pudéssemos deslumbrar o coração do homem e, ao mesmo tempo, cantar em sua mente,

Então, em verdade, ele viveria à sombra de Deus.



A inspiração sempre cantará; a inspiração nunca explicará.



Freqüentemente cantamos acalantos para nossos filhos a fim de que nós próprios possamos dormir.



Todas as nossas palavras não passam de migalhas de pão que caem do festim do espírito.





O pensamento é a pedra de tropeço da poesia.



Um grande cantor é aquele que canta nossos silêncios.



Como podes cantar se tua boca está cheia de alimento?

Como tua mão se erguerá numa bênção se está cheia de ouro?



Dizem que o rouxinol traspassa o peito com um espinho quando canta sua canção de amor.

Assim fazemos todos. Como poderíamos cantar de outra forma?





O gênio é uma canção de pintarroxo no início de uma lenta primavera.



Até o espírito mais alado não pode escapar da necessidade física.



Um louco não é menos músico do que tu e eu; somente, o instrumento que ele toca está um pouco desafinado.



A canção que permanece silenciosa no coração de uma mãe canta nos lábios de seu filho.



Todo anseio será realizado.





Nunca concordei inteiramente com meu outro Eu. A verdade parece estar a meio caminho entre nós dois.



Teu outro Eu está sempre com pena de ti. Mas teu outro Eu se nutre de tristeza para crescer. Assim, tudo está bem.



Não há luta entre o corpo e a alma, a não ser nas mentes daqueles cujas almas estão adormecidas e cujos corpos estão desajustados.



Quando alcançares o coração da vida, encontrarás a beleza em todas as coisas, até mesmo nos olhos que estão cegos para a beleza.





Vivemos somente para descobrir a beleza. Tudo o mais é uma forma de espera.



Semeia uma semente, e a terra te dará uma flor. Eleva teu sonho ao firmamento, e ele te trará tua bem-amada.



O demônio morreu no mesmo dia em que nasceste.

Agora, não tens de passar pelo inferno para encontrar um anjo.



Muitas mulheres ocupam o coração de um homem; poucas chegam a apropriar-se dele.



Se desejas possuir algo, não o reclaims.





Quando a mão de um homem toca a mão de uma mulher, ambas tocam o coração da eternidade.



O amor é um véu entre amante e amante.



Todo homem ama duas mulheres: uma é a criação de sua imaginação; a outra ainda não nasceu.



Os homens que não perdoam às mulheres suas pequenas falhas jamais desfrutarão suas grandes virtudes.



O amor que não se renova a cada dia, torna-se um hábito e o hábito, uma escravidão.





Os amantes abraçam mais aquilo que está entre eles do que um ao outro.



O amor e a dúvida nunca estiveram em bons termos.



O amor é uma palavra de luz, escrita por uma mão de luz, sobre uma página de luz.



A amizade é sempre uma doce responsabilidade, nunca uma oportunidade.



Se não compreendes teu amigo em todas as circunstâncias, nunca o compreenderás.





Tua veste mais radiosa é tecida pela
outra pessoa;

Tua comida mais saborosa é a que
comes à mesa da outra pessoa;

Teu leito mais confortável está na casa
da outra pessoa.

Agora, dize-me, como podes separar-te
da outra pessoa?



Tua mente e meu coração jamais es-
tarão de acordo, até que tua mente deixe
de viver nos números e meu coração, na
neblina.



Nunca nos entenderemos um ao ou-
tro até que reduzamos a linguagem a sete
palavras.





Como poderão abrir meu coração a
não ser quebrando-o?



Somente uma grande tristeza ou uma
grande alegria pode revelar tua verdade.

Se quiseses revelar-te, dança nu ao
sol, ou carrega tua cruz.



Se a natureza seguisse nossos con-
selhos sobre o contentamento, nenhum
rio correria até o mar, e nenhum inverno
se tornaria primavera. E se prestasse
atenção ao que dizemos da frugalidade,
quantos de nós estaríamos respirando
este ar?



Quando viras as costas ao sol, só vêes a
tua sombra.



És livre ante o sol do dia e os astros da noite;

E és livre quando não há nem sol nem lua nem estrelas.

És livre até quando fechas os olhos a tudo quanto há.

Mas és um escravo daquele a quem amas, porque o amas,

E és um escravo daquele que te ama, porque ele te ama.



Somos todos mendigos à porta do templo, e cada um de nós recebe sua quota da generosidade do Rei, quando ele chega e quando se vai.

Mas temos todos inveja uns dos outros, o que é mais uma maneira de depreciar o Rei.





Não podes consumir além de teu apetite. A outra metade do pão pertence à outra pessoa, e deves deixar um pouco de pão para o hóspede inesperado.



Não fosse pelos hóspedes, todas as casas seriam túmulos.



Disse um lobo cortês a um carneiro ingênuo: "Não quererás honrar a nossa casa com uma visita?"

E o carneiro respondeu: "Sentir-nos-íamos muito honrado com essa visita, se tua casa não estivesse no teu estômago."



Detive meu hóspede no limiar da casa, e disse-lhe: "Não, não limpes os pés ao entrar, mas sim ao sair."





A generosidade não está em dar-me aquilo de que preciso mais do que tu, mas em dar-me aquilo de que precisas mais do que eu.



Sois realmente caridosos quando dais e, ao dar, virais a face para não ver o acanhamento do que recebe.



A diferença entre o mais rico e o mais pobre é apenas um dia de fome e uma hora de sede.



Muitas vezes contraímos dividas para com nossos amanhã para pagar as dividas de nossos ontens.





Eu também sou visitado por anjos e demônios, mas livro-me deles.

Quando é um anjo, rezo uma velha prece, e ele fica entediado;

Quando é um demônio, cometo um velho pecado, e ele vai-se embora.



Afinal de contas, esta não é uma má prisão; mas não gosto da parede entre minha cela e a do prisioneiro vizinho.

Contudo, garanto-vos que não desejo recriminar o guarda nem o Construtor da prisão.



Quem te dá uma serpente quando pedes um peixe, talvez não tenha senão serpentes para dar. É, então, uma generosidade de sua parte.





A velhacaria às vezes obtém êxito, mas acaba sempre se suicidando.



És realmente um perdoador quando perdoas a assassinos que nunca derramam sangue, a ladrões que nunca furtam, e a mentirosos que nunca dizem falsidades.



Quem puder pôr o dedo sobre aquilo que separa o bem do mal, tocará a própria fímbria da vestimenta de Deus.



Se teu coração é um vulcão, como poderás esperar que se abram flores em tuas mãos?





Estranha forma de auto-complacência!
Há ocasiões em que gostaria de ser molestado e enganado, para que pudesse rir-me dos que pensam que não sei que estou sendo molestado e enganado.



Que direi do perseguidor que finge ser o perseguido?



Aquele que limpa as mãos sujas om tua veste, deixa-o levar a veste. Talvez precise dela novamente; tu, com toda a certeza, não precisarás.



Pena que os cambistas não possam ser bons jardineiros!





Por favor, não encubras teus defeitos inerentes com tuas virtudes adquiridas. Aceito teus defeitos: são semelhantes aos meus.



Quantas vezes atribuí a mim mesmo crimes que nunca cometi, para que os outros se sentissem bem em minha presença!



Até mesmo as máscaras da vida são máscaras de profundo mistério.



Podeis julgar os outros pelo vosso conhecimento de vós mesmos.

Dizei-me então, quem entre nós é culpado e quem é inocente?





O verdadeiro justo é o que se sente
meio culpado de teus delitos.



Só um idiota e um gênio quebram as
leis feitas pelo homem; e são os mais
próximos do coração de Deus.



É só quando és perseguido que te tor-
nas ligeiro.



Não tenho inimigos, ó Deus, mas se
tiver de ter um inimigo,

Faze com que a sua força seja igual
à minha,

Para que só a verdade seja a ven-
cedora.



Estarás em completa amizade com teu
inimigo quando ambos morrerem.





Um homem pode cometer suicídio em defesa própria.



Há muito tempo, viveu um Homem que foi crucificado por ter muito amado e ser muito digno de amor.

E é estranho relatar que o encontrei ontem três vezes.

Na primeira vez, estava pedindo a um policial que não levasse uma prostituta à prisão; na segunda vez, estava bebendo vinho com um fora-da-lei; e na terceira vez, estava lutando aos murros com um vendedor. dentro de uma igreja.



Se tudo o que dizem do bem e do mal for verdade, então minha vida não passa de um longo crime.



A piedade não é mais do que meia justiça.





O único homem que foi injusto comigo foi um homem com cujo irmão fui injusto.



Quando virdes um homem sendo levado à prisão, dizei em vosso coração: "Talvez esteja escapando de uma prisão mais estreita".

E quando virdes um homem embriagado, dizei em vosso coração: "Talvez esteja procurando escapar de algo ainda mais feio do que a embriaguez".



Muitas vezes odiei em defesa própria; mas se fosse mais forte, não teria usado tal arma.



Como é estúpido aquele que procura emendar o ódio dos seus olhos com um sorriso nos lábios.





Só os que estão abaixo de mim podem invejar-me ou odiar-me.

Nunca fui invejado ou odiado: não estou acima de ninguém.

Só os que estão acima de mim podem elogiar-me ou depreciar-me.

Nunca fui elogiado ou depreciado: não estou abaixo de ninguém.



Quando me dizes: "Não te entendo", elogias-me mais do que mereço e te insultas a ti mesmo mais do que mereces.



Como sou mesquinho quando a vida me dá ouro e eu te dou prata, e, contudo, julgo-me generoso!



Quando alcançares o coração da vida, não te acharás superior ao criminoso, nem inferior ao profeta.





E estranho que tenhais piedade do que
tem o passo lento e não do que tem a
mente lenta,

E do cego dos olhos, e não do cego
do coração.



É mais sensato para o aleijado não
quebrar suas muletas na cabeça do seu
inimigo.



Como é cego quem te dá do seu bol-
so para tirar do teu coração!



A vida é uma procissão. O que é lento
de pés acha-a muito rápida, e se retira.

E o que é rápido de pés acha-a muito
lenta, e também se retira.





Se esta coisa chamada pecado existe, alguns de nós o cometemos andando para trás nas pegadas de nossos antepassados;

E alguns de nós o cometemos pulando para a frente na nossa pretensão de mudar o curso de nossos filhos.



O verdadeiro bom é aquele que é um com todos os considerados maus.



Somos todos prisioneiros, mas as celas de uns tem janelas e as de outros não tem.



É estranho que todos defendamos nossos erros com mais vigor do que nossos acertos.





Se todos confessássemos nossos pecados uns aos outros, rir-nos-íamos uns dos outros por nossa falta de originalidade.

E se todos revelássemos nossas virtudes, também nos riríamos, pelo mesmo motivo.



Um indivíduo está acima das leis feitas pelo homem, até cometer um crime contra as convenções feitas pelo homem.

Depois disso, não está acima de ninguém, nem abaixo de ninguém.



O governo é um acordo entre ti e mim. Eu e tu estamos freqüentemente errados.



O crime ou é um dos nomes da necessidade ou é um aspecto de uma doença.





Haverá defeito maior do que estar consciente dos defeitos da outra pessoa?



Se a outra pessoa se ri de ti, talvez tenhas pena dela; mas se te ris dela, nunca te perdoarás a ti mesmo.

Se a outra pessoa te injuria, talvez esqueças a injúria; mas se a injurias, sempre te lembrarás.

Na verdade, a outra pessoa é o teu Eu mais sensitivo, num outro corpo.



Como és insensato quando queres que outros voem com tuas asas, conquanto não possas dar-lhes sequer uma pena.





Uma vez, um homem sentou-se à minha mesa e comeu meu pão e bebeu meu vinho e foi-se embora rindo de mim.

Depois, voltou à procura de pão e vinho, e eu o expulsei;

E os anjos riram de mim.



O ódio é um cadáver. Quem de vós deseja ser um túmulo?



É honra para o assassinado não ser o assassino.



A tribuna da humanidade está em seu coração silencioso, nunca em sua mente faladora.





Consideram-me louco porque não vendo
meus dias por ouro;

E considero-os loucos porque pensam
que meus dias tem um preço.



Espalham diante de nós suas riquezas
de ouro e prata, de marfim e ébano, e
espalhamos diante deles nossos cora-
ções e nossos espíritos;

E, entretanto, acham que são os hospe-
deiros, e nós, os hóspedes.



Preferiria ser o último dos homens
com sonhos e o desejo de realizá-los, do
que o primeiro, sem sonhos nem desejos.





O mais digno de piedade entre os homens é o que transforma seus sonhos em ouro e prata.



Estamos todos subindo para o cume do desejo de nossos corações. Se outro escalador roubar teu saco e tua bolsa, e ficar gordo com um e pesado com a outra, deverás ter pena dele; pois a subida ficará mais árdua para sua carne, e o fardo tornará mais longo seu caminho.

E se, em tua esbelteza, vires sua carne arquejando, ajuda-lhe o passo; isto aumentará tua velocidade.



Não podeis julgar qualquer homem além do vosso conhecimento dele, e quanto é limitado vosso conhecimento!





Eu não gostaria de ouvir um conquistador pregando para o conquistado.



O homem verdadeiramente livre é o que carrega pacientemente as cadeias do escravo.



Há mil anos, meu vizinho me disse: "Odeio a vida, pois ela nada contém senão dores."

E, ontem, passei por um cemitério, e vi a vida dançando sobre seu túmulo.



A luta na natureza é a desordem ansioso pela ordem.





A solidão é uma tempestade silenciosa
que derruba todos os nossos ramos
mortos.

Contudo, ela consolida nossas raízes
vivas no coração vivo da terra viva.



Uma vez, falei do mar a um pântano, e
o pântano achou que eu era um visionário.

E, uma vez, falei de um pântano ao mar,
e o mar achou que eu era um difamador.



Como é limitada a visão que exalta a
operosidade da formiga acima do canto do
grilo!



A primeira virtude neste mundo talvez
seja a última no outro mundo.





O profundo e o alto descem para as profundezas ou sobem para as alturas em linhas retas; somente o espaçoso pode mover-se em círculos.



Não fosse por nossa concepção dos pesos e medidas, sentiríamos o mesmo deslumbramento ante o vagalume e o sol.



Um cientista sem imaginação é um açougueiro com facas cegas e balanças desajustadas.

Mas que quererías, já que não somos todos vegetarianos?



Quando cantais, o faminto vos ouve com seu estômago.





A morte não está mais perto do idoso do que do recém-nascido. Nem a vida.



Se precisares mesmo ser singelo, sê-lo com beleza; de outro modo, guarda silêncio, porque há um homem na nossa vizinhança que está morrendo.



Talvez um funeral entre os homens seja uma festa entre os anjos.



Uma realidade esquecida pode morrer e deixar em seu testamento sete mil fatos a serem gastos em seu funeral e na construção de seu túmulo.





Na verdade, conversamos somente conosco mesmos, mas às vezes falamos tão alto que os outros nos ouvem.



O óbvio é aquilo que ninguém enxerga, até que alguém o expresse com simplicidade.



Se a Via Láctea não estivesse dentro de mim, como poderia vê-la ou conhecê-la?



A não ser que eu seja um médico entre médicos, não acreditariam que sou um astrônomo.





Talvez para o mar, a definição da concha seja a pérola.

E para o tempo, talvez a definição do carvão seja o diamante.



A fama é a sombra de uma paixão exposta à luz.



Uma raiz é uma flor que despreza a fama.



Não há religião nem ciência para além da beleza.





Todo grande homem que conheci tinha alguma coisa pequena em sua formação; e era essa coisa pequena que impedia a inatividade ou a loucura ou o suicídio.



O verdadeiro grande homem é o que não domina ninguém e não é dominado por ninguém.



Não podemos considerar que o homem é medíocre simplesmente porque mata os criminosos e os profetas.



A tolerância é o amor atingido pela doença da altivez.





Os vermes lutam; mas não é estranho
que até os elefantes acabam curvando-se?



Um desacordo talvez seja o atalho mais
curto entre duas mentes.



Sou a chama e sou a sarça seca; e
uma parte de mim consome a outra parte.



Estamos todos procurando o cume da
montanha sagrada; mas nosso caminho
não seria mais curto se considerássemos
o passado um mapa e não um guia?





A sabedoria deixa de ser sabedoria quando se torna demasiadamente orgulhosa para chorar, demasiadamente grave para rir, e demasiadamente egotista para procurar os outros.



Se enchesse a mim mesmo com tudo o que sabes, que espaço ficaria para tudo o que não sabes?



Aprendi o silêncio com o loquaz, a tolerância com o intolerante, e a bondade com o maldoso; estranho, não sinto nenhuma gratidão por esses mestres.



Um fanático é um orador completamente surdo.





O silêncio do invejoso é ruidoso demais.



Quando chegares ao fim do que deverias saber, estarás no princípio do que deverias sentir



Um exagero é uma verdade que perdeu a calma



Se só podes ver o que a luz revela e ouvir o que o som anuncia,

Então, em verdade, não vês nem ouves.



Um fato é uma verdade assexuada.





Não podes rir e ser duro ao mesmo tempo.



Os que são mais caros ao meu coração são um rei sem um reino e um pobre que não sabe mendigar.



Um fracasso com modéstia é mais nobre do que um êxito com arrogância.



Cava onde quiseses na terra, encontrarás um tesouro; mas precisarás cavar com a fé do lavrador.





Uma raposa perseguida por vinte cavaleiros e uma matilha de vinte sabujos, dizia: "Decerto eles me matarão. Mas como devem ser pobres e estúpidos! Seguramente, não valeria a pena para vinte raposas, cavalgando vinte burros e acompanhadas por vinte lobos, caçarem e matarem um homem."



É a mente dentro de nós que se curva às leis feitas por nós, mas nunca o espírito dentro de nós.



Viajante sou, e navegador, e cada dia descubro uma nova região dentro de minha alma.





Uma mulher protestava, dizendo: “Como podia não ser uma guerra justa! Meu filho nela morreu.”



Disse à vida: “Gostaria de ouvir a morte falar.”

E a vida ergueu a voz um pouco mais alto, e me disse: “Estás ouvindo-a agora.”



Quando tiveres desvendado todos os mistérios da vida, ansiarás pela morte, pois ela não é senão outro mistério da vida.



O nascimento e a morte são as duas mais nobres expressões da bravura.





Meu amigo, tu e eu permaneceremos
estranhos para a vida,

E um para o outro, e cada um para si
mesmo,

Até o dia em que tu fales e eu ouça,
Considerando tua voz minha própria
voz;

E quando eu permanecer diante de ti,
Julgando-me diante de um espelho.



Dizem-me: "Se te conhecesses a ti
mesmo, conhecerias todos os homens".

Respondo: "Somente quando procurar
todos os homens, conhecerei a mim mes-
mo".



Todo homem é, na realidade, dois ho-
mens: um está acordado nas trevas, o ou-
tro está dormindo na claridade.





Um ermitão é alguém que renuncia ao mundo de fragmentos para que possa gozar o mundo inteiramente e sem interrupções.



Existe um campo verde entre o erudito e o poeta; quando o erudito o atravessa, torna-se um sábio; e quando o poeta o atravessa, torna-se um profeta.



Na tarde de ontem, vi filósofos na praça do mercado carregando suas cabeças em cestas e gritando: "Sabedoria! Sabedoria à venda!"

Pobres filósofos! Sem dúvida, precisam vender suas cabeças para alimentar seus corações.





Disse um filósofo a um varredor de ruas: "Tenho pena de ti. Teu trabalho é duro e sujo."

E o varredor de ruas disse: "Obrigado, senhor. Mas, diga-me, qual é o seu trabalho?"

E o filósofo respondeu, dizendo: "Estudo a mente do homem, seus feitos e seus desejos."

Então, o varredor de ruas recomeçou a varrer, dizendo com um sorriso: "Tenho pena do senhor, também."



Quem escuta a verdade tem o mesmo mérito do que quem a enuncia.



Nenhum homem pode traçar a linha entre o necessário e o supérfluo. Só os anjos o podem, e os anjos são sábios e ansiosos.

Talvez os anjos sejam nossos melhores pensamentos no espaço.





Príncipe de verdade é aquele que encontra seu trono no coração de um der-viche.



A generosidade consiste em dares mais do que podes, e o orgulho em tomares menos do que necessitas.



Na verdade, não deveis nada a homem algum. Deveis tudo a todos os homens.



Todos os que viveram no passado, vivem conosco agora. Seguramente, nenhum de nós gostaria de ser um anfitrião descortês.



Quem mais deseja, mais longamente vive.





Dizem-me: "Um pássaro na mão vale dez pássaros no bosque."

Mas eu digo: "Um pássaro e uma pena no bosque valem mais do que dez pássaros na mão."

A procura daquela pena é a vida com pés alados; não, é a própria vida.



Existem aqui somente dois elementos: a beleza e a verdade. A beleza está no coração dos amantes, e a verdade, nos braços dos lavradores.



Uma grande beleza me captura, mas uma beleza ainda maior me liberta até de si mesma.



A beleza brilha mais no coração de quem anseia por ela do que nos olhos de quem a vê.





Admiro o homem que me revela sua mente; honro o homem que me desvela seus sonhos. Mas por que fico acanhado, e até um pouco envergonhado, ante o homem que me serve?



Antigamente, os bem-dotados orgulhavam-se de servir aos príncipes.

Hoje, reclamam a honra de servir aos pobres.



Os anjos sabem que muitos homens práticos comem seu pão com o suor dos sonhadores.



O humor é muitas vezes uma máscara. Se pudesses rasgá-la, descobririas um gênio irritadiço ou um hábil prestidigitador.





Os vivos me atribuem vivacidade e os estúpidos, estupidez. Acho que ambos têm razão.



Somente os que têm segredos em seus corações adivinham os segredos dos nossos corações.



Aquele que partilhar do teu prazer, mas não da tua dor, perderá a chave de uma das sete portas do Paraíso.



Sim, o Nirvana existe: está em conduzir teu rebanho a um verde pasto, e em pôr teu filhinho na cama, e em escrever a última linha de teu poema.





Escolhemos nossas alegrias e nossas tristezas muito tempo antes de experimentá-las.



A tristeza não passa de um muro entre dois jardins.



Quando tua alegria ou tua tristeza se torna grande, o mundo se torna pequeno



O desejo é a metade da vida; a indiferença é a metade da morte.



A coisa mais amarga em nossa tristeza de hoje é a lembrança de nossa alegria de ontem.





Dizem-me: "Precisas escolher entre os prazeres deste mundo e a paz do próximo".

E eu lhes digo: "Escolhi ambas, as delícias deste mundo e a paz do próximo. Porque sei em meu coração que o Supremo Poeta escreveu um só poema, que tem uma métrica perfeita e também uma rima perfeita".



A fé é um oásis no coração que nunca é alcançado pela caravana dos pensamentos.



Quando atingires a tua plenitude, desejarás somente o desejo; e terás fome apenas pela própria fome, e sede por uma sede maior.





Se revelares teus segredos ao vento,
não deverás censurar o vento por os re-
velar às árvores.



As flores da primavera são os sonhos
do inverno contados na mesa de desjejum
dos anjos.



Disse um gambá a uma angélica: "Ve-
ja como corro depressa, ao passo que
tu não podes caminhar nem sequer te
arrastar."

Disse a angélica ao gambá: "Oh, mui-
to nobre e veloz corredor, por favor, corra
depressa!"



As tartarugas conhecem as estradas
melhor do que os coelhos.



É estranho que criaturas sem espinha
dorsal tenham as mais duras cascas.





Quem mais fala menos entende, e quase não há diferença entre um orador e um leiloeiro.



Sê grato por não teres de viver expiando o renome de um pai ou a fortuna de um tio.

Mas, sobretudo, sê grato por ninguém ter de viver expiando teu renome ou tua fortuna.



É somente quando o malabarista falha em apanhar sua bola que ele apela para mim.



O invejoso elogia-me sem o saber.





Por muito tempo, foste um sonho na
noite de tua mãe, e depois ela despertou
para dar-te nascimento.



A semente da raça está na ânsia de
tua mãe.



Meu pai e minha mãe desejavam um
filho e geraram-me.

E eu desejava uma mãe e um pai, e
gerei a noite e o mar.



Alguns dos nossos filhos são nossa
justificação, mas outros são nossos arre-
pendimentos.





Quando a noite chega e tu te sentes escuro, deita-te e sê escuro voluntariamente.

E quando chega a manhã e ainda estás escuro, levanta-te e dize ao dia, abertamente: "Ainda estou escuro".

Seria estúpido pretender enganar a noite e o dia.

Ambos rir-se-iam de ti.



A montanha velada pela cerração não é um morro; e um carvalho na chuva não é um salgueiro chorão.



És aqui um paradoxo: o profundo e o alto estão mais próximos um do outro do que o médio o está de qualquer um dos dois.





Quando me pus diante de ti; espelho límpido, olhaste para mim e viste a tua imagem.

Depois, disseste: "Amo-te".

Mas, na verdade, amavas a ti mesmo em mim.



Quando tens prazer em amar teu próximo, teu amor deixa de ser uma virtude.



O amor que não está sempre brotando, está sempre morrendo.



Não podes ter ao mesmo tempo a juventude e o conhecimento.

Porque a juventude está demasiadamente ocupada, vivendo, para conhecer, e o conhecimento está demasiadamente ocupado, procurando a si mesmo, para viver.



Podes sentar-te à tua janela e observar os transeuntes. E, observando, podes ver uma freira caminhando para tua mão direita e uma prostituta caminhando para tua mão esquerda.

E podes dizer, em tua ignorância: "Como a primeira é nobre e como a outra é ignóbil!"

Mas, se fechares os olhos e escutares por um instante, ouvirás uma voz sussurrando no éter: "A primeira me procura na prece, e a outra na dor. E no espírito de cada uma, há um caramanchão para o Meu espírito".



Uma vez cada cem anos, Jesus de Nazaré se encontra com Jesus dos Cristãos num jardim entre as colinas do Líbano. E conversam longamente. E cada vez, Jesus de Nazaré vai-se embora, dizendo a Jesus dos Cristãos: "Meu amigo, receio que nunca, nunca cheguemos a concordar".





Possa Deus alimentar o superopulento!



Todo grande homem tem dois corações:
um sangra e o outro suporta.



Se alguém disser uma mentira que não
te prejudica nem a qualquer outro, por
que não dizer, em teu coração, que a casa
dos seus fatos é pequena demais para
suas fantasias, e ele teve de abandoná-la
por um espaço maior?



Atrás de cada porta fechada, está um
mistério selado com sete selos.



A espera são os cascos do tempo.





Que te importa se a aflição é uma nova
janela na parede oriental de tua casa?



Podes esquecer aquele com quem
riste, mas nunca esquecerás aquele com
quem choraste.



Deve haver algo estranhamente sagrado
no sal. Encontra-se em nossas lágrimas
e no mar.



Nosso Deus, em Sua afável sede, be-
ber-nos-á a todos, a gota de orvalho e a
lágrima.





Não passais de um fragmento de vosso Eu gigante, uma boca que procura pão, e uma mão cega que segura a taça para uma boca sedenta.



Se vos erguêsseis um cúbito sequer acima de vossa raça, de vosso país e de vós mesmos, tornar-vos-íeis sem dúvida semelhantes aos deuses.



Se eu fosse tu, não me queixaria do mar em maré baixa.

O navio é bom, nosso Capitão é hábil; é só nosso estômago que está em desordem.





Aquilo pelo qual ansiamos e que não podemos alcançar é mais caro do que aquilo que já alcançamos.



Se vos sentásseis numa nuvem, não veríeis a fronteira entre um país e outro, nem o limite entre uma fazenda e outra.

E uma pena que não possais sentar-vos numa nuvem.



Há sete séculos, sete pombas brancas levantaram vôo de um vale profundo rumo aos cumes recobertos de neve. Um dos sete homens que as viram disse: "Vejo uma pinta negra na asa da sétima pomba".

Hoje, naquele vale, o povo fala de sete pombas negras que levantaram vôo rumo aos cumes da montanha nevada.





No outono, reuni todas as minhas tristezas e enterrei-as no meu jardim.

E quando abril voltou e a primavera veio desposar a terra, cresceram em meu jardim belas flores diferentes de todas as outras flores.

E meus vizinhos vieram contemplá-las, e todos me disseram: "Quando o outono chegar outra vez, no tempo da sementeira, dar-nos-ás sementes destas flores para que possamos tê-las em nossos jardins?"



É de fato uma infelicidade estender aos homens uma mão vazia e não receber nada; mas é desesperador estender uma mão cheia e não encontrar ninguém para receber.





Anseio pela eternidade porque lá encontrarei meus poemas não escritos e meus quadros não pintados.



A arte é um passo da natureza para o infinito.



Uma obra de arte é uma neblina esculpida em imagem.



Até mesmo as mãos que tecem coroas de espinhos são melhores do que as mãos ociosas.



Nossas lágrimas mais sagradas nunca procuram nossos olhos.





Todo homem é o descendente de todo rei e de todo escravo que já viveram.



Se o bisavô de Jesus tivesse sabido o que estava oculto dentro de si, não teria ficado assombrado consigo mesmo?



O amor da mãe de Judas por seu filho era menor do que o amor de Maria por Jesus?



Há três milagres de nosso Irmão Jesus que não foram ainda registrados no Livro: o primeiro, ser ele um homem como tu e eu; o segundo, possuir senso de humor; e o terceiro, saber que, embora vencido, era um vencedor.





Ó Crucificado, crucificaram-Te sobre meu coração; e os pregos que transpassam Tuas mãos atravessam as paredes de meu coração.

E, amanhã, quando um estranho passar por este Gólgota, não saberá que dois sangraram aqui.

Pensará que é o sangue de um só homem.



Deves ter ouvido falar da Montanha Sagrada.

É a montanha mais alta do mundo.

Se lhe atingires o cume, terás apenas um desejo: descer e estar com os que moram no vale mais profundo.

Por isso é que é chamada a Montanha Sagrada.



Todo pensamento que aprisione pela expressão, preciso libertá-lo pela ação.

